


FRATERNITÀ CARMELITANA DI BARCELLONA  
DI POZZO DI GOTTO



**Um percurso**  
**ao interno do**  
**Livro dos Salmos,**  
*para um caminho*  
*de maturidade*  
*humana*  
*e de fé.*

ICSFA

*“Como a cerva anseia pelas correntes de água, assim minha alma anseia por ti, ó Deus. Minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo: Quando entrarei para ver o rosto de Deus” (Sl 42,2-3).*

FRATERNITÀ CARMELITANA DI  
BARCELONA DI POZZO DI GOTTO  
(Organizadora)

*Um percurso ao interno do  
Livro dos Salmos,  
para um caminho de  
maturidade humana e de fé.*

**Tradução**

Frei João Carlos Karling, OFM



ICSFA  
Porto Alegre  
2023

## PROVÍNCIA SÃO FRANCISCO DE ASSIS NO BRASIL

Av. Juca Batista, 330 – B. Ipanema

91770-000 – Porto Alegre – RS

CNPJ: 35.332.968/0001-08

secretariaofmrs@gmail.com

### EQUIPE DE COORDENAÇÃO E EDITORAÇÃO

**Editoração:** Frei João Carlos Karling, OFM, e Frei Arno Frelich, OFM.

**Tradução:** Frei João Carlos Karling, OFM.

**Capa:** Frei Arno Frelich, OFM.

**Revisão:** Frei Plácido (Darcísio Urbano) Robaert, OFM.

**Título original:** *Un percorso all'interno del Libro dei Salmi, per un cammino di maturità umana e di fede.*

### Títulos originais dos capítulos:

I – Il Signore veglia sul cammino dei giusti.

II – Il Salterio e le sue due porte d'ingresso.

III – La difficoltà degli inizi e la fiducia in Dio.

IV – Entusiasmi giovanili, smarrimenti, cadute e nuove ripartenze.

V – Dalla crise alla luce di una fede matura.

VI – Per uscire dalla crisi.

VII – Verso la maturità dell'esistenza.

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P429 Um percurso ao interno do Livro dos Salmos, para um caminho de maturidade humana e de fé. [recurso eletrônico]. Fraternità Carmelitana di Barcelona di Posso di Gotto (Organizadora) ; Tradução de: Frei João Carlos Karling, OFM ; Revisão de: Frei Plácido (Darcísio Urbano) Robaert, OFM – 1. ed. – Porto Alegre : ICSFA, 2023.

154 p. ; 21 cm.

Título original: Un percorso all'interno del Libro dei Salmi, per un cammino di maturità umana e di fede.

Dados eletrônicos: 985 kB

ISBN 978-65-88060-24-7

Modo de acesso:

<https://www.franciscanos-rs.org.br/e-book-salmi>

1. Livro dos Salmos. 2. Caminho de maturidade. 3. Vida espiritual. 4. Espiritualidade bíblica. I. Karling, João Carlos, OFM, org. II. Robaert, Plácido, OFM, rev. II. Título.

CDU 223.2

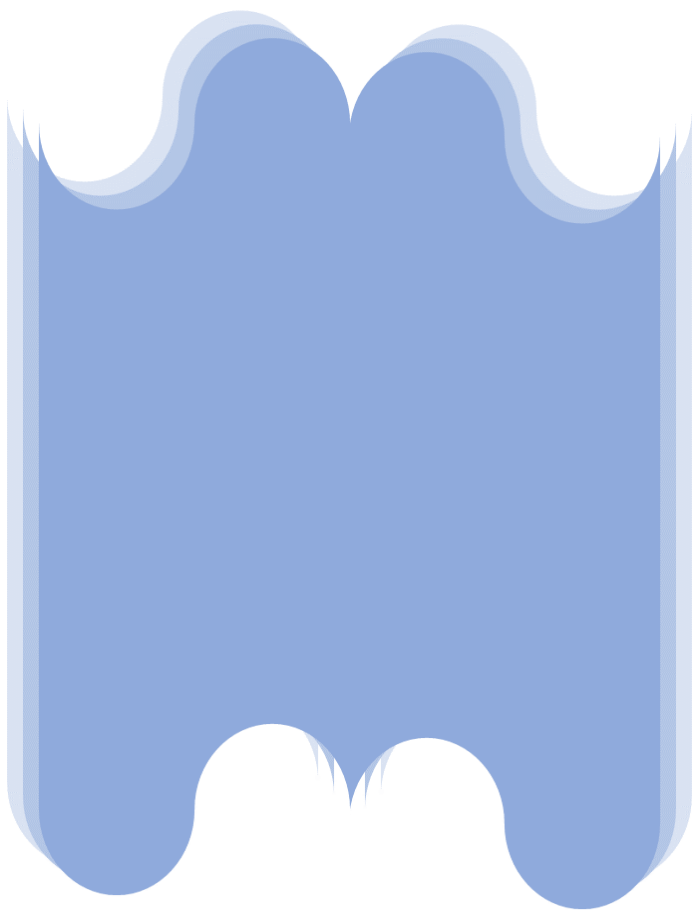
Bibliotecária responsável: Andréa Fontoura da Silva – CRB10/1416  
Aprovação: Frei Marino P. Rhoden, OFM, Ministro provincial – PSFAB  
Porto Alegre, 11/07/2023.

## SUMÁRIO

SIGLAS.....	7
APRESENTAÇÃO.....	9
PREFÁCIO .....	11
I - O SENHOR VELA SOBRE O CAMINHO DOS JUSTOS .....	15
Introdução .....	15
1. Um livro que mostra sua unidade .....	15
2. Um desejado paralelismo com a <i>Torah</i> .....	17
3. Uma possível leitura unitária do Livro dos Salmos ....	19
3.1. 1° Livro: Salmos 1 a 41: O chamado à vida e à nova identidade de filhos .....	20
3.2. 2° Livro: Salmos 42 a 72: A fase adolescente entre entusiasmos e quedas .....	23
3.3. 3° Livro: Salmos 73 a 89: O tempo da crise .....	26
3.4. 4° Livro: Salmos 90 a 106: A iniciativa de Deus e o instaurar-se do seu Reino .....	28
3.5. 5° Livro: Salmos 107 a 150: Rumo à maturidade plena e ao raiar de um novo dia .....	30
II - O SALTÉRIO E AS SUAS DUAS PORTAS DE ENTRADA. <i>SALMOS 1 E 2</i> .....	35
1. Unidade dos Salmos 1 e 2 .....	35
2. Salmo 1: o verdadeiro caminho para a felicidade, aberto a cada pessoa.....	37
3. Salmo 2: o dom do Filho como último horizonte da história.....	44

III - A DIFICULDADE DOS INÍCIOS E A CONFIANÇA EM DEUS. <i>SALMOS 3 A 41</i> .....	55
1. O primeiro Livro dos Salmos (Salmos 3 a 41).....	55
2. Primeira seção: Salmos 3 a 14. A vida é uma luta contínua .....	59
3. Segunda seção: Salmos 15 a 24. As Exigências de ser filhos/as e irmãos/ãs .....	66
4. Terceira seção: Salmos 25 a 41. A luta torna-se mais difícil e a obediência à Palavra mais exigente .....	69
IV - ENTUSIASMOS JUVENIS, PERDAS, QUEDAS E NOVOS RECOMEÇOS. <i>SALMOS 42 A 72</i> .....	73
1. O conjunto do Segundo Livro do Saltério (Salmos 42 a 72): A juventude.....	73
2. “Cria em mim, ó Deus, um coração puro” .....	75
2.1. O Salmo 50 .....	77
2.2. O Salmo 51 .....	79
2.2.1. Primeira parte: o grande coração de Deus (Sl 51,3-11) .....	80
2.2.2. Segunda parte: o Espírito criador (Sl 51,12-19) .....	84
2.2.3. O significado teológico dos versículos 51,12-14 .....	85
2.2.4. O Espírito de Deus e a missão (Sl 51,15-17) ....	90
3. O Salmo 72.....	91
V - DA CRISE À LUZ DE UMA FÉ MADURA. <i>SALMOS 73 A 89</i> .....	95
1. “Eu serei vosso Deus e vós sereis o meu povo” .....	96
2. “Por pouco não tropeçavam meus pés, porque invejava os prepotentes” .....	100
3. Leiamos o Salmo 73.....	102
4. Chegada final: a alegria.....	108
5. Para concluir .....	111
VI - PARA SAIR DA CRISE. <i>SALMOS 90 A 106</i> .....	115
1. Para sair da crise: ensine-nos a contar nossos dias .....	116

2. Salmo 103: misericordioso e piedoso é o Senhor .....	120
2.1. Primeira parte: o amor e o perdão de Deus .....	122
2.2. Segunda parte: Amor eterno de Deus e fragilidade humana .....	128
3. A misericórdia é o fundamento do mundo .....	132
<b>VII - RUMO À MATURIDADE DA EXISTÊNCIA. SALMOS 107 A 150</b> .....	135
1. Caminho pascal de amadurecimento, que se dá de forma “espiral” .....	135
2. Os traços fundamentais do crescimento em direção à maturidade .....	137
2.1. Abertura: discernir o amor do Senhor e render-lhe graças .....	138
2.2. Salmos 108 a 110. Saber vigiar sobre si mesmo e tornar-se oração .....	140
2.3. Salmos 111 a 118. Aprender a lutar com o Senhor: a vitória pascal .....	141
2.4. Salmo 119. O Amor pela Palavra de Deus, “morada” de sua Presença .....	142
2.5. Salmos 120-134. Peregrinação geográfica e interior para Jerusalém, cidade da Paz .....	143
2.5.1. A partida (cf. Salmos 120 a 121) .....	144
2.5.2. A chegada (cf. Salmos 122 a 125) .....	145
2.5.3. A permanência (cf. Salmos 126 a 132) .....	147
2.5.4. O retorno (cf. Salmos 133 a 134) .....	148
2.6. Salmos 135 a 137. A vitória pascal sobre os ídolos .....	150
2.7. Salmos 138 a 145. Ação de graças .....	151
3. Porta de saída do Saltério (Salmos 146 a 150) .....	152





## SIGLAS

- aC – Antes de Cristo
- Am – Livro do Profeta Amós
- Ap – Livro do Apocalipse de São João
- At – Atos dos Apóstolos
- Cf. – Confira
- Gl – Carta de São Paulo aos Gálatas
- Dt – Livro do Deuterônômio
- Ef – Carta de São Paulo aos Efésios
- Ex – Livro do Êxodo
- Ez – Livro do Profeta Ezequiel
- Fil – Carta de São Paulo aos Filipenses
- Gn – Livro do Gênesis
- Hb – Carta aos Hebreus
- Is – Livro do Profeta Isaías
- Jo – Evangelho de São João
- Jr – Livro do Profeta Jeremias
- Lc – Evangelho de São Lucas
- Lv – Livro do Levítico
- Mc – Evangelho de São Marcos
- Mi – Livro do Profeta Miquéias
- Mt – Evangelho de São Mateus
- Os – Livro do Profeta Oséias
- Pr – Livro dos Provérbios
- Rm – Carta de São Paulo aos Romanos
- Sl – Salmo
- V – Versículo
- 1Cor – Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios
- 2Cor – Segunda Carta de São Paulo aos Coríntios

2Re – Segundo Livro dos Reis  
2Sm – Segundo Livro de Samuel

## APRESENTAÇÃO

Paz e Bem!

Com alegria e gratidão traduzi e, agora, entrego, de forma gratuita, com a ICSFA Editora, o E-book *“Um percurso ao interno do Livro dos Salmos, para um caminho de maturidade humana e de fé”*, da *“Fraternidade Carmelitana de Barcellona P.G. (ME)”*.

Agradeço, em primeiro lugar, ao Frei Egidio Palumbo e seus Confrades, pela autorização de poder usar as reflexões, aqui apresentadas, para retiros e encontros de formação, bem como, para a publicação. Creio que serão de grande utilidade para a Vida Consagrada e a Comunidade Cristã.

É um texto que, ao meditá-lo, me impactou sobremaneira. Devolveu-me os Salmos numa dimensão encarnada, no hoje de minha trajetória, como Frade. Ao mesmo tempo, vi-me relendo a presença do Senhor em minha vida e na vida da humanidade, desvelando-me um

coração agradecido e desejoso de recomeçar, sempre, no Caminho do seguimento. Ao mesmo tempo, crescia um desejo em minha alma: ah!, se outros Irmãos e Irmãs pudessem ter contato com as reflexões desse texto! E, eis o texto, Dom generoso dos Confrades Carmelitas!

Com relação aos textos originais, onde julguei que, em retiro, poderiam ser de ajuda para uma oração pessoal, integrei ao texto algumas passagens da Sagrada Escritura, referidas pelos autores.

Concluindo, agradeço ainda ao Frei Plácido Robaert, OFM, pela generosa revisão do texto e ao Frei Arno Frelich, OFM, e à Bibliotecária Andréa Fontoura da Silva pela editoração e organização do mesmo.

Boa leitura, meditação e oração, n<sup>o</sup> Aquele que rezou diuturnamente os Salmos e os mantém vivos e atualizados em nós, Cristo Jesus, nossa Via!

*Frei João Carlos Karling, OFM*  
*Porto Alegre, 11 de julho de 2023.*  
[jckarling@franciscanos-rs.org.br](mailto:jckarling@franciscanos-rs.org.br)

## PREFÁCIO

Os Salmos são a oração do povo de Israel e de Jesus Cristo. Jesus Cristo, como filho de Israel e Filho de Deus, rezou e viveu os Salmos. Eles também são a oração da Igreja que, presente em cada nação, povo e cultura, reza-os e vive-os em Cristo e com Cristo, seu Irmão e Senhor.

A Vida Consagrada, forma plural de vida cristã na Igreja – constituída por monges, frades, congregações diaconais, institutos seculares, masculinos e femininos –, acolheu e inseriu os Salmos em sua oração, com especial cuidado e atenção, tornando-os a “alma” e a estrutura da oração litúrgica. Institui-lhes o “ritmo” que marca e dá sentido aos vários momentos do dia, a ponto de tornar a própria existência um “Saltério vivo”, um hino de Glória ao Senhor (cf. Sl 119,164) e um dom gratuito aos irmãos e às irmãs na fé e na humanidade.

Os Salmos, por isso, eram memorizados. Hoje devemos recuperar esse costume.

Cantando-os, recitando-os, meditando-os e rezando-os, com assiduidade e perseverança, fazendo a mente e o coração aderirem às palavras ditas com a boca, os Salmos abrem-nos para um mundo rico de valores e para o verdadeiro sabor da existência, porque nessas orações encontramos a *condensação* de toda a história da salvação.

Aprendendo a cantar a Deus “*com arte*” (cf. Sl 47:8; 1Cor 14,15), ou seja, com inteligência e sabedoria, descobrimos que o Salmo “*é serenidade das almas e árbitro da paz, que acalma a agitação e a turbulência dos pensamentos [...]. O Salmo reconcilia a amizade, reúne os separados e dirime as inimizades. Quem, pois, poderia continuar considerando inimiga a pessoa com quem cantava, a uma só voz, os louvores de Deus? [...] Para as crianças, [o Salmo] é segurança; para quem está na flor da idade é motivo de orgulho; para os anciãos, consolação; para as mulheres, o ornamento mais adequado*” (Basílio de Cesareia, *Homilias sobre os Salmos*, I,3). Com os Salmos aprendemos a conhecer a nós mesmos, os movimentos passionais e as perturbações que, muitas vezes, agitam nossa existência e aprendemos a viver com maior

autenticidade as várias idades da nossa vida, que marcam o caminho humano e de fé da nossa existência.

Mas os Salmos também nos fazem redescobrir a beleza da *koinonia* fraterna e da unidade vivida na diversidade, como dom de Deus, capaz de gerar experiências de vida comum. Comentando o Sl 133,1 (“*Vede como é belo e agradável os irmãos conviverem unidos!*”), Agostinho de Hipona observa que essas palavras também “geraram” os mosteiros: “*Do som dessas palavras foram despertados aqueles que conceberam o desejo de viver juntos; esse versículo foi como um toque de trombeta para eles. Ele ressoou por toda a terra, e os que estavam divididos foram reunidos*” (*Exposição sobre os Salmos 132,1-2*). Pela graça de Deus, aqueles que escutaram essas palavras, acolheram-nas como Palavra de Deus eficaz no Espírito, como Palavra que opera o que diz e cumpre o que promete (cf. Is 55,10-11).

As meditações sobre os Salmos, recolhidas nessa publicação, são fruto de uma reflexão comunitária “multivocal”, amadurecida no contexto das “Quartas-feiras da Bíblia – 2021”, organizadas por nós, Fraternidade

Carmelitana de Barcelona P.G. (ME - Itália). Com simplicidade e partilha fraterna e, não menos, com profunda gratidão a quantos prepararam esta publicação, oferecemos estas reflexões a todos aqueles que vivem a experiência da vida fraterna em comunidade e a todos aqueles que estão à procura de um sentido verdadeiro a ser dado à própria existência humana e de fé. “*Ó Deus, tu és o meu Deus, por ti madrugo: minha alma tem sede de ti*” (Sl 63, 2).

*Fraternità Carmelitana di Barcellona P.G. (ME),*  
29 de junho de 2023,  
Solenidade dos apóstolos Pedro e Paulo.



# I - O SENHOR VELA SOBRE O CAMINHO DOS JUSTOS

*Gregorio Battaglia*

## *Introdução*

### **1. Um livro que mostra sua unidade**

O Livro dos Salmos é parte integrante da Bíblia. No Cânone cristão está colocado ao interno dos livros sapienciais, enquanto que na Bíblia hebraica está inserido na seção Escritos. O termo “*salmos*” é uma transliteração do termo grego “*psalmoi*”, que faz referência aos cantos acompanhados com cítara; assim, pelo título do livro, poderemos entendê-lo como o “*livro dos cantos*”.

É necessário, contudo, precisar que aquele grupo de sábios, que traduziu a Bíblia do hebraico para o grego, chamada de “*Bíblia dos Setenta*”, ao escolher esse termo, quis caracterizar melhor o título hebraico,

pois fala de “*livro das orações*”. Concluindo, pode-se dizer que o Livro dos Salmos é um livro de orações, adaptadas para ser cantadas ao interno de um serviço litúrgico.

A primeira coisa que o Livro dos Salmos nos pede é a atitude de não considerá-lo como simples coleção de cantos para uso litúrgico. Ele se apresenta como texto que mostra uma unidade e requer, do leitor/a ou da pessoa orante, a disponibilidade em deixar-se conduzir, desde o início até o final, para poder aproveitar o caminho que por ele é indicado.

A tentação mais imediata é aquela de fixar-se em querer perceber as diferentes formas literárias, isto é, se é um hino, uma súplica, uma ação de graças ou uma memória histórica do passado. Assim fazendo, perde-se de vista a intenção do redator final, que deu a essa série de cantos uma ordem bem precisa, com a intenção de oferecer ao leitor, à pessoa orante uma proposta de vida.

## 2. Um desejado paralelismo com a *Torah*

Com o termo *Torah*, a tradição hebraica indica aquilo que nós chamamos *Pentateuco*, a coleção dos primeiros cinco livros da Bíblia e que, hoje, entendemos simplesmente como o livro da Lei. O termo *Torah*, na verdade, não se refere apenas a preceitos a serem observados. A *Torah* é, sobretudo, instrução, ensinamento, que quer oferecer uma orientação e, logo, indicar o caminho da vida.

O Livro dos Salmos, que recolhe cento e cinquenta orações e cantos, está subdividido em cinco livros, como que sugerindo uma ligação estreita com a *Torah*. Isso, porque está em jogo a vida concreta de um povo que, no seu diálogo com o Deus da Aliança, deseja expressar suas infidelidades, seus medos, seu desejo de retornar ao caminho, designado pela própria *Torah*. Para sublinhar essa relação estreita entre o Livro dos Salmos e a *Torah* é suficiente fazer referência ao Salmo 119, composto por vinte e duas estrofes, tantas quantas são as letras do alfabeto hebraico. O Salmo 119 apresenta-se como texto meditativo, com a finalidade

de ajudar o leitor, à pessoa orante a contemplar e compreender o grande dom que Deus já fizera ao seu povo.

A subdivisão do Saltério em cinco livros não é visível à primeira vista, porque ela está ligada a um pequeno artifício, que consente perceber a passagem de um livro a outro. Na verdade, no final de quatro salmos, colocados em posições estratégicas, encontra-se uma doxologia conclusiva e que serve para indicar o final do livro. Os Salmos em questão são os Salmos 41, 72, 89 e 106, pelo que é fácil determinar os cinco livros do Saltério: **1° Livro:** Salmos 1 a 41; **2° Livro:** Salmos 42 a 72; **3° Livro:** Salmos 73 a 89; **4° Livro:** Salmos 90 a 106; **5° Livro:** Salmos 107 a 150.

Também deve ser dito, como inciso, que a numeração dos Salmos no texto hebraico é levemente diferente da versão grega dos Setenta, que, por sua vez, foi adotada pela tradução latina chamada Vulgata e, conseqüentemente, no uso litúrgico da Igreja, enquanto que nas traduções de nossas Bíblias, contudo, encontra-se aquela do texto hebraico. Este é o motivo pelo qual

encontramos no título de cada salmo uma dupla numeração: aquela hebraica e aquela da Vulgata.

### **3. Uma possível leitura unitária do Livro dos Salmos**

Mais do que deter-nos sobre os diferentes gêneros literários que caracterizam os vários textos presentes no Saltério, talvez seja oportuno compreender o dinamismo intrínseco desta coleção. A desejada correspondência com os livros da *Torah* diz-nos, claramente, que o Saltério deve ser lido do início ao final, para podermos colher seu itinerário espiritual e, ao mesmo tempo, humano que ele nos propõe. Alguns, como A. Chouraqui, propõem como chave de leitura a imagem de um dia inteiro que, na tradição hebraica, inicia pela noite, abraça todo o dia e se abre a uma nova manhã: parte-se, pois, de uma situação noturna, marcada pelo predomínio da súplica para chegar à nova manhã, caracterizada pela plenitude do louvor.

Outros, por sua vez, sugerem que no Saltério se deva acolher um percurso humano, que partiria do

nascimento para chegar até a maturidade. Nós seguiremos essa segunda proposta, procurando compreender de forma muito sumária aquilo que nos remete a este caminho ideal de maturidade. Antes de deter-nos sobre os livros, para tentar compreender o esboço desse caminho, é muito oportuno ter presente como se abre e se fecha o Saltério: o início (Salmo 1) é caracterizado pela proclamação de uma bem-aventurança, que diz respeito ao homem e à mulher de todos os tempos e de todos os lugares, enquanto que o fechamento (Salmo 150) é feito por um convite ao louvor, repetido por bem dez vezes, que se constitui como ponto de chegada para um verdadeiro caminho de maturidade humana e espiritual.

### *3.1. 1º Livro: Salmos 1 a 41:*

#### *O chamado à vida e à nova identidade de filhos*

A vida nova, uma vida que se abre à experiência da bem-aventurança, torna-se possível pela iniciativa gratuita de Deus que, com o seu dom de amor, entende gerar-nos como filhos/as capazes de tornar visível, com

a própria vida, sua paternidade amorosa e fiel. Essa vocação e essa geração à vida de filhos/as ressoa no Salmo 2, onde a voz do próprio Deus diz: “*Tu és meu filho, Eu hoje te gerei*” (Sl 2,7) <sup>1</sup>. Nos Evangelhos, essa palavra é dirigida a Jesus, o Filho, que vive sua vida na escuta obediente à voz do Pai. Essa palavra também é dirigida a todos aqueles que, tendo feito a experiência do batismo, de terem sido imersos e enxertados no mistério de Cristo, para que se sintam chamados a ser, cada dia, sempre mais o que já são, filhos/as por adoção.

A oração dos Salmos quer operar neles uma transformação, que os leva a ser sempre mais conformes à imagem do Filho, que é Jesus, o Cristo crucificado e ressuscitado, adquirindo e tornando próprio seu Eu filial, messiânico e régio. Esse Primeiro Livro recorda-nos que todos os inícios são difíceis, porque não existe transformação que não requeira uma verdadeira luta com a mentalidade mundana, na qual

---

<sup>1</sup> Quanto aos textos bíblicos usamos Luís Alonso Schökel, *Bíblia do Peregrino*, São Paulo, Paulus, 2002.

nos encontramos imersos; e, ainda mais, consigo mesmo e com o próprio coração endurecido, levado à idolatria. Assim, o Salmo 3 abre-se com uma expressão de verdadeira desorientação: “*Senhor, quantos são os meus adversários!*” (Sl 3,1). Os sujeitos que reencontramos nos Salmos são três: o Eu da pessoa orante, que compreende tanto a pessoa singular quanto a comunidade; o outro sujeito é o Tu de Deus; e o terceiro é formado pelos vários inimigos que, em diferentes modos, criam obstáculos para o caminho da maturidade.

Não existe nascimento que não conheça as dificuldades dos inícios. O Salmo 23 recorda-nos que o “*Senhor é o meu pastor*” (Sl 23,1). Ele cuida do caminho da pessoa orante, que pode dizer com segurança: “*Ainda que eu caminhe por vales escuros, nada temo: Tu estás comigo*” (Sl 23,4). Mesmo que o caminho apresente uma série de dificuldades, o que dá segurança é a consciência de ser custodiado pela mão do Senhor. O Salmo 40 exprime, com clareza, esta confiança no Deus que “*inclinou-se para mim e escutou*



*meu grito (...) Firmou meus pés sobre um rochedo*” (Sl 40, 2-3). Nesse Salmo, a pessoa orante exprime toda sua decisão de caminhar por essa via, que se apresenta como adesão plena à *Torah*: “*No texto do rolo está escrito de mim que hei de cumprir tua vontade: e eu o quero, Deus meu, levo tua instrução nas entranhas*” (Sl 40, 8-9). O livro fecha-se com a bem-aventurança do Salmo 41.

### 3.2. 2º Livro: Salmos 42 a 72:

#### *A fase adolescente entre entusiasmos e quedas*

O Salmo 42, que abre este Segundo Livro, oferece uma imagem plástica da tensão juvenil, que anima a existência da pessoa orante: “*Como a cerva anseia por correntes de água, assim minha alma anseia por Ti, ó Deus*” (Sl 42,2). Essa tensão, tão marcada, é reencontrável no Salmo 63, onde a pessoa orante está totalmente inclinada para Aquele que pode verdadeiramente saciar sua sede de vida e de amor: “*Ó Deus, Tu és o meu Deus, por ti madrugo: minha garganta tem sede de Ti*” (Sl 63,2). Não obstante o

começo um pouco cansativo, foi-se reforçando, na mente e no coração da pessoa orante, o valor deste caminho, que a compromete sempre mais neste diálogo íntimo com o Senhor. Esse anseio em direção ao encontro com Deus, certamente, encontra seu lugar privilegiado no Templo, que é o espaço litúrgico, mas também comunitário, motivo pelo qual alguns salmos farão referências explícitas ao Templo e às condições para ter acesso a Ele.

Em posição, quase mediana, encontramos a grande súplica do Miserere - Salmo 51 -, expressão concreta da grande queda. Os impulsos juvenis, em si, também conhecem os momentos de perda, de fracasso; mas as quedas, se visitadas pelo Senhor, podem tornar-se ocasião de novo reinício. Assim foi para Davi, que no final do salmo pode dizer que o verdadeiro sacrifício, que agrada a Deus, é aquele do coração quebrado, capaz dos verdadeiros sentimentos de piedade: *“Para Deus, sacrifício é um espírito contrito, um coração contrito e triturado, tu não o desprezas, ó Deus”* (Sl 51,19).

O Salmo 51, o Miserere, é precedido por uma dupla introdução: uma é de natureza sapiencial, o Salmo 49, enquanto que a outra, que diz respeito ao Salmo 50, tem uma conotação profética e se apresenta como a instrução de um processo da parte de Deus na relação com a pessoa orante, ou seja, de todo um povo, que falhou com o pacto da Aliança, àquela recíproca pertença que emanava do próprio pacto.

O Segundo Livro fecha-se com o Salmo 72, que é um salmo messiânico e que a liturgia nos propõe para a festa da Epifania. No último versículo vem dito explicitamente: “*Terminam as súplicas de Davi, filho de Jessé*” (Sl 72,20). No versículo inicial, no cabeçalho, se diz: “*Para Salomão*”. O Salmo basicamente é projetado para o filho da Promessa, para Aquele que devia vir, para Aquele que é o cumprimento da Promessa que, como uma semente, é jogada na terra do coração humano, para suscitar nele um novo modo de habitá-la, em obediência ao desígnio de Deus.

### 3.3. 3º Livro: Salmos 73 a 89:

#### *O tempo da crise*

Não existe percurso humano e espiritual que não conheça seus momentos de crise. A generosidade e os impulsos dos momentos juvenis tendem a esfriar com o tempo, a entrar em crise por motivo das decepções e da resistência aos ideais abraçados.

O Salmo 73, sob esse ponto de vista, é muito significativo, quando diz: *“Assim são os perversos, e, sempre seguros, acumulam riquezas. Então, para que purifico minha consciência e lavo minhas mãos como inocente?”* (Sl 73,12-13). O caminho do amadurecimento requer um olhar menos superficial, capaz de compreender o aspecto efêmero do sucesso do mal; enquanto a pessoa que crê, passo a passo, avança para uma experiência de interioridade, descobre que sua vida está apoiada sobre a rocha. Outro motivo de escândalo é a grande profanação do Templo, no tempo dos Macabeus, por Antíoco Epífanes. O Salmo 74 exprime toda a dispersão e a dor por tal evento, que coloca em crise a própria fé em Deus que salva:

*“Puseram fogo em teu santuário, profanaram por terra a morada de teu nome. ... Levanta-te, Deus, defende tua causa!”* (Sl 74,7.22).

É, certamente, difícil continuar a crer quando a história nos coloca diante de eventos incontroláveis ou catastróficos. São esses os momentos nos quais aflora uma série de dúvidas e medos, de modo que a relação com Deus é fortemente questionada, tanto que no Salmo 77 é afirmado: *“Será que o Senhor nos rejeita para sempre e não voltará a favorecer-nos? Esgotou sua misericórdia, terminou para sempre sua promessa? (...) E digo a mim mesmo: Pobre de mim! A direita do Altíssimo mudou”* (Sl 77,8-9.11). A destra do Senhor, que operou prodígios na saída do Egito, parece, agora, ter perdido seu vigor, a ponto de se tornar má! O verdadeiro problema da pessoa orante é sua incapacidade em saber acolher as provocações que as novas situações trazem consigo; por isso, ela não tem outra saída a não ser enfrentar a crise, a reler o passado como tempo de rebeldia e de obstinação (Salmo 78).

O Terceiro Livro fecha-se com o Salmo 89, que é um salmo que invoca a promessa do Filho. A pessoa orante, contudo, ao mesmo tempo, continua sujeita às situações desestabilizadoras, que lhe fazem dizer: “*Até quando, Senhor, te manténs escondido e arde como fogo a tua cólera? (...) Onde está, Dono meu, tua antiga lealdade, aquilo que tua fidelidade jurou a Davi?*” (Sl 89,47.50).

#### *3.4. 4º Livro: Salmos 90 a 106:*

##### *A iniciativa de Deus e o instaurar-se do seu Reino*

O Salmo 90, que abre o Quarto Livro, apresenta-se como uma reflexão sapiencial sobre o sentido do tempo, oferecendo à pessoa orante uma primeira indicação para sair da crise e que consiste, sobretudo, naquela de dar-se tempo. Numa passagem do salmo, a pessoa orante pede ao Senhor: “*Ensina-nos a bem contar nossos dias para adquirirmos coração sensato*” (Sl 90,12). Ela pede aquela sabedoria interior que lhe consinta saber acolher os dias da própria existência, com todo o peso de responsabilidade e contrariedade,

que eles trazem consigo. Outra indicação provém do Salmo 91, que enfatiza muito fortemente a proximidade de Deus, mesmo no infortúnio. Para a pessoa orante, que se redescobre na condição de peregrina, ela sempre mais estará em condições de experimentar a fidelidade de seu Deus, de modo que, independentemente das voltas da jornada da vida, ela ouvirá uma voz, repetindo: “*Refúgio meu, fortaleza minha, Deus meu, eu confio em ti*” (Sl 91,2).

Essa tomada de consciência por parte da pessoa orante constitui-se, na verdade, na grande virada, que permite dar à crise uma saída positiva. O Quarto Livro encontra sua centralidade no grupo de salmos que vão do Salmo 93 até o Salmo 98, os quais cantam a realeza do Senhor e como Ele exercita esse seu poder, seja na profundidade dos corações, seja no vasto mundo da história humana. No aparente colapso de todas as nossas certezas e seguranças, dos nossos projetos, das nossas construções ideológicas e materiais, o Senhor mostra que seu Reino está por toda parte e estende-se até os confins da terra.

### 3.5. 5° Livro: Salmos 107 a 150:

#### *Rumo à maturidade plena e ao raiar de um novo dia*

Esse Quinto Livro abre-se com uma grande ação de graças, “*porque é eterna sua misericórdia*” (Sl 107,1). O tom de todo livro é dado pelo Aleluia, última palavra do salmo anterior, e que age como dobradiça entre o Quarto e o Quinto Livro. A explosão do Aleluia diz claramente que se está, de fato, enfrentando a maturidade espiritual, razão pela qual o Salmo 107 se fecha dizendo: “*Guarde o inteligente esses fatos e medite na misericórdia do Senhor*” (Sl 107,45).

Sobre o tema da maturidade, o Salmo 144 mostra que a pessoa adulta na fé é aquela que se deixou instruir na arte do combate espiritual e conhece as formas de enfrentá-lo, a saber, com humildade, jejum e oração. A característica desse Quinto Livro é aquela de conter em seu interior uma série de coleções, dispostas de forma a desenhar um itinerário completo para uma vida, que cada vez mais vai se abrindo à ação de graças, para tornar eucarística sua existência.



A primeira coleção é composta por aqueles que estão sob o ‘guarda-chuva’ do *Hallel Egípciano*: os Salmos 113 a 118. Trata-se da memória da saída do Egito, da condição da escravidão para acessar à condição de povo livre, capaz de tecer relações humanas profundas e pronto para assumir a responsabilidade pelo outro. Essa primeira coleção é seguida pelo Salmo 119, que é um longo salmo alfabético de vinte e duas estrofes. Tem um tom sapiencial meditativo e foi elaborado para ajudar a contemplar e saber viver o dom da Torá, aprendendo a recebê-lo como luz, para caminhar nos caminhos do amor.

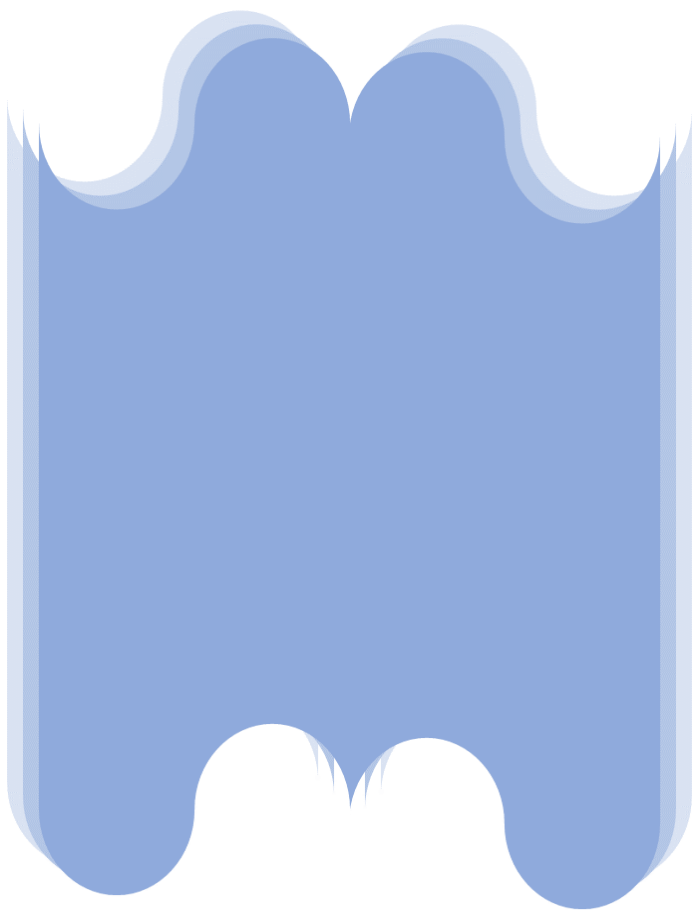
A segunda coleção é formada por um grupo de quinze salmos (Salmos 120 a 135), que são chamados de salmos das ascensões ou salmos graduais. A pessoa orante e o próprio povo, que conheceram a dispersão do exílio, sentem em seu interior a urgência de fazer esse caminho de conversão, que pode levá-los a redescobrir a identidade própria de povo da Aliança,

envolvido nessa relação de pertencimento mútuo ao seu Senhor.

A condição de dispersão implica, de fato, uma série de concessões e compromissos com uma realidade organizada de acordo com critérios requintadamente mundanos e que criam aquela indiferença e superficialidade, que tornam a pessoa de fé incapaz de responder à sua própria vocação à vida e à comunhão fraterna. A peregrinação, descrita nesses Salmos, leva a pessoa a rezar para redescobrir, no encontro com a cidade de Jerusalém, o lugar privilegiado da presença de Deus e sacramento da fraternidade, sua identidade como pessoa de paz, porque está aberta à relação com o mundo dos outros. Depois dos Salmos de Ascensão, é colocado o grande Hallel, que é o Salmo 136, aquele que Jesus canta ao final da Última Ceia, antes de dirigir-se para o jardim do Getsêmani.

A última coleção é formada pelo pequeno Hallel, que compreende os Salmos 146 a 150. À sua maneira, esses salmos marcam a maturidade do caminho da fé e da própria oração, que se expressa como pura canção

de louvor. Na tradição judaica esses salmos, juntamente com o Salmo 145, constituem a oração matinal. Eles são colocados no início de uma nova jornada, motivo pelo qual aquilo que, à primeira vista, parece ser a conclusão de um caminho, dessa forma marca o início do mesmo. O dia inteiro quer ser marcado por essa vocação de louvor, que deve ser mantida no claro-escuro da vida cotidiana, nem sempre exultante, mas que constitui o verdadeiro terreno para realizar a própria beatitude.



## II - O SALTÉRIO E AS SUAS DUAS PORTAS DE ENTRADA. *SALMOS 1 E 2.*

*Gregorio Battaglia*

### *1. Unidade dos Salmos 1 e 2*

Os Salmos 1 e 2 não têm qualquer título e devem ser considerados como verdadeira e própria premissa, antes de imergir no caminho humano e espiritual, que o Salmo ou Livro dos Salmos pretende propor. O tom do Salmo 1 é requintadamente sapiencial e é dirigido a todos os homens e mulheres que pretendem experimentar a verdadeira beatitude, dando à própria vida a possibilidade de saborear a verdadeira felicidade e, tudo isso, em um contexto que nem sempre é favorável. O Salmo 2 tem um caráter messiânico-real: ou seja, retoma a promessa que o Senhor fez a Davi e que consiste no dom de um Filho e anuncia sua realização.

Essa atenção dirigida ao Filho da promessa, que é entendido como o Messias, que em grego se traduz como Cristo, enquanto que em português significa o Ungido, constitui a verdadeira chave para entender todo o Saltério. Esse Messias prometido representa todos os homens, porque todo homem e mulher é chamado para se tornar Filho de Deus, à semelhança do Messias. Nesse sentido, pode-se dizer que os dois primeiros salmos estão intimamente ligados entre si; onde se fala do homem, devemos entendê-lo como endereçado ao Messias e, onde, se fala do Messias, devemos entendê-lo como dirigido a cada homem, a cada pessoa. O elo também é visível do ponto de vista lexical, pois o termo bendito abre o Salmo 1 e fecha o Salmo 2. Trata-se de uma técnica chamada de ‘inclusão’ e que serve para deixar claro que se trata de unidade inseparável.

## *2. Salmo 1: o verdadeiro caminho para a felicidade, aberto a cada pessoa*

Este primeiro Salmo não pode ser definido como oração, mas como proposta sapiencial, dirigida a cada pessoa e a qualquer fé ou credo à qual possa pertencer. Aqui está em questão a realização da felicidade e da verdadeira autorrealização, sendo, pois, possível dizer que, aqueles que querem progredir na experiência humana e espiritual nunca devem perder de vista o horizonte que é proposto desde o início desse Salmo. Ele enfatiza que a busca da felicidade deve ser acompanhada da advertência máxima de que o caminho que leva à mesma, está intimamente ligado ao caminho da justiça. É necessário, pois, um constante discernimento para não se deixar fascinar pelas propostas de uma felicidade barata, mas que, em seguida, no acerto de contas, se traduz em fracasso e verdadeira e real maldição. A felicidade, a verdadeira felicidade, inicialmente, é apresentada como velada e, passo a passo, enquanto se avança com constância, no

caminho da justiça ou dos mandamentos, ela pode ser experimentada.

Sl 1,1: “*Feliz o homem*”: essas são as primeiras palavras do salmo, que logo deixam claro a intenção de todo o Saltério: aquela de introduzir cada verdadeiro buscador de sentido na experiência da verdadeira felicidade. A referência ao termo hebraico nos oferece a possibilidade de enriquecer a abertura do salmo. Feliz, no equivalente hebraico, é *ashrè*, cuja forma verbal significa: avançar, lançar-se, caminhar. Pode-se dizer, pois, que no termo feliz está compreendida a ideia do caminho, da via. Isso nos faz concluir que a felicidade requer um caminho, feito de discernimento e escolhas responsáveis.

Sl 1,1: “*Feliz o homem, que não caminha aconselhado por perversos e no caminho dos maus não se detém e na sessão dos cínicos não se assenta*”.

A porta da felicidade abre-se para a pessoa que está disposta a tornar seu esse *tríplice não*. A ordem dos verbos indica uma certa progressão, quase a imaginar uma série de ações que, colocadas uma depois



da outra, levam a desviar totalmente do verdadeiro caminho a percorrer. Além disso, toda pessoa batizada sabe muito bem que não se pode empreender uma verdadeira jornada cristã, que é resumida no seguimento do Senhor Jesus, sem antes ter pronunciado o triplo não para certa mentalidade mundana, centrada na exaltação do ego e na busca do interesse e segurança própria, mesmo que às custas dos outros.

Ter a força e a lucidez para pronunciar, com a vida, esse tríplice *não*, traz, claramente, consigo, como consequência, a decisão de situar-se fora da justificativa do “*mas todos fazem assim*”. O homem e a mulher, que decidem seguir o caminho da felicidade são, imediatamente, forçados a descobrir, desde o início, que tal estrada os condena, de fato, à verdadeira solidão, porque sua decisão não se encaixa com o pensamento e a ação da maioria. Eles *não entram no conselho dos perversos*; ou seja, eles se recusam a considerar como normal certa maneira de gerenciar as coisas deste mundo, aceitando que os pobres se tornem sempre mais pobres.

Eles *não se detêm no caminho dos pecadores*, porque diante da arrogância dos perversos, eles não aceitam o caminho do conluio e dos conchavos. Finalmente, eles *não se sentam na companhia dos cínicos*, pois estão dispostos a sofrer os escárnios daqueles que usam as palavras para dar uma veste racional à impiedade desenfreada. A escolha feita, por esse homem ou essa mulher, faz deles pessoas que saem do “*coral*”, dando a impressão de estar desadaptados.

Sl 1,2: “*Mas sua tarefa (alegria) é a lei (Torah) do Senhor...*”.

Se para quem olha de fora tudo é visto como loucura inútil, a verdade mais profunda está mostrando que a pessoa que escolheu trilhar o caminho da felicidade é realmente capaz de experimentar aquela alegria que, como diz Jesus, “*ninguém vos tirará vossa alegria*” (Jo 16,22). Para o salmista, trata-se daquela alegria que provêm do deixar-se abraçar pela *Torah*. Quem orienta todo o seu desejo em fazer a vontade de Deus, como é revelado na *Torah*, pode caminhar, experimentando, ao longo de seu caminho, ser habitado

pela presença de seu Deus. Da pessoa que se encontra engajada no exercício da escuta da Palavra, dom de amor do Deus vivo, diz-se que ela toma gosto, se compraz de tal forma da Palavra, a ponto de encontrar a alegria que dá plenitude de sentido à sua vida.

Esse gosto e essa complacência em relação à Palavra impelem cada pessoa orante a manter um contato constante com a *Torah*, sobretudo, por meio do exercício de meditar, ou, melhor ainda, do “ruminar”. Trata-se da repetição da Palavra ouvida, fazendo-a subir do coração para os lábios, redizendo-a de tal forma a dar a impressão de um lento e sutil murmúrio ou sussurro.

A *Torah* acolhida e degustada, por sua vez, dá forma a essa pessoa abençoada, porque lhe dá a identidade e a estabilidade, que lhe permitem enfrentar o momento no qual a solidão pode tornar-se dolorosa. Quanto mais a pessoa cresce no exercício do “ruminar” a Palavra, tornando-a sua, tanto mais a pessoa se apropria dessa Palavra, fazendo com que seu caminho se torne sempre mais envolvente, sempre mais familiar,

para abraçar o dia e a noite. Trata-se, pois, de assumir um estilo de vida, que agora caracteriza sua própria maneira de viver neste mundo.

Sl 1,3: “*Será como árvore plantada junto aos canais (cursos de água)*”.

Para dizer a plenitude de vida experimentada por essa pessoa feliz, o salmista recorre ao simbolismo da árvore, que pode gozar do benefício de água abundante. Quem abraça o estilo de vida proposto pela *Torah* assemelha-se a uma árvore plantada ao longo das correntes de água: ela encontra-se arrancada de seu próprio terreno de morte, para ser transplantada para essas águas, que lhe permitem dar frutos a seu tempo. Dessa forma, a Palavra ouvida e ruminada faz, dessa pessoa justa, um homem ou uma mulher operosa, capaz de dar frutos a seu tempo.

As características dessa fecundidade podem ser resumidas em três notas: a) É uma vida que dá frutos a seu tempo. Por isso ela não é presa do eficientismo, de forma completa e imediata; b) As folhas desta árvore não murcham, motivo pelo qual pode-se dizer que se

trata de uma vida, que já exala o odor da eternidade; c) A outra nota é dada pelo fato de que tudo o que essa pessoa faz é bem feito, porque o Senhor leva à plenitude a obra iniciada.

Sl 1,4: “*Não é assim como os perversos: serão como palha...*”.

Para descrever a insignificância do perverso, o salmista recorre à imagem da palha ou do joio, que é o subproduto do trigo. Não se pode ignorar o fato de que o versículo começa com um duplo “Não assim, não é assim como...”<sup>2</sup>, como se enfatizasse que, se é verdade que a vida dos ímpios é semelhante ao joio, ela continua a exercer seu fascínio no coração da pessoa feliz. Isso significa que o caminho desse homem ou mulher requer um discernimento sábio, que, além disso, é facilitado pelo trabalho do Espírito que, como o vento, tudo espalha: “*serão como palha que o vento arrebatada*”.

---

<sup>2</sup> Isso na edição Bíblica seguida pelo autor. Nem todas as edições trazem essa duplicidade.

Sl 1,5-6: “*Por isso, os perversos no julgamento não ficarão de pé, nem os pecadores na assembleia dos justos (...) mas o caminho dos perversos se extravia*”.

Nos tribunais humanos é o inocente a levantar-se, porque não existe ressurreição para os perversos. O salmo fecha-se com a ênfase de que o caminho dos ímpios leva ao nada.

### ***3. Salmo 2: o dom do Filho como último horizonte da história***

Esse salmo desloca a atenção de modo que, do olhar sobre a pessoa e sua capacidade de discernimento, passamos a considerar como Deus retoma a iniciativa em relação à história humana, para dirigi-la ao fim que pode corresponder plenamente ao seu plano, para a vocação de cada pessoa. Deus é Aquele que mantém a promessa de um Filho, assim como havia jurado a Davi e que, ao longo dos séculos nutrira, da parte do povo de Israel, a espera do Messias. É a espera daquele Filho de Davi que, pleno do dom do Espírito, Ungido, impregnado deste Espírito, é capaz de dar um ponto de

virada definitivo na história da humanidade e, assim, constituir a complacência do Pai.

Essa visão messiânica representa o fundamento que nos permite interpretar e compreender o sentido de todo o Saltério. Assim, onde se fala do *homem*, deve-se entendê-lo como referido ao Messias, que assume a “carne” da humanidade como sua, enquanto que, onde se fala do Messias, pode-se entendê-lo como referido à vocação de cada pessoa. O Messias representa, de fato, todos as pessoas e, inversamente, cada homem e cada mulher estão destinados a se tornar um filho, uma filha de Deus, à semelhança do Messias. Esse caminho, rumo à experiência da verdadeira filiação na relação com Deus Pai, torna-se possível através de uma dupla obediência: à *Torah* e ao Messias, o Cristo, o Filho de Deus.

Toda a história da salvação gira em torno dessa promessa de um Filho, ao ponto de se constituir o fio condutor, até a plenitude dos tempos, tanto que o apóstolo Paulo diz: “*Mas quando se cumpriu o prazo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob*

*a Lei, para resgatar os súditos da lei, e nós fôssemos adotados como filhos”* (Gl 4,4-5). Para os Atos dos Apóstolos, Jesus é aquele que levou ao cumprimento a promessa e que, agora, é entronizado à direita do Pai (cf. At 2,22-36). Ele é Aquele a quem esperamos e que continua a vir ao nosso encontro, para que toda a história gire em torno d’Ele.

Sl 2,1: *“Porque se amotinam as nações e os povos meditam um fracasso?”*.

O Salmo abre-se com uma grande pergunta, que é feita por uma voz externa e que diz respeito aos acontecimentos do mundo: Olhando para como as coisas estão indo, essa voz se pergunta, perplexa, sobre o motivo pelo qual o mundo é atravessado por essa turbulência, por esse estado de agitação. O que mais a impressiona é a atitude dos povos, cujo coração é, perenemente, tentado à idolatria, palavra que é evocada pelo termo fracasso.

Sl 2,2-3: *“[Por que] Se levantam os reis do mundo e os príncipes conspiram juntos contra o Senhor e contra seu Ungido?”*



Os poderosos da terra, de fato, perseguem uma ação política que se choca, irremediavelmente, com o plano de Deus. Na prática, para manter e aumentar seu poder, eles se fecham para o futuro e o fecham para todos os outros. Reis, príncipes, governantes e todos aqueles que detêm o poder declaram, abertamente, que não suportam os vínculos de uma autoridade superior, que os relativiza. O Senhor, que não pretende ser estranho à história da humanidade, é percebido como um grande perturbador, como aquele que estabelece vínculos e, com Ele o seu Messias, que é o sacramento do seu revelar-se e, por isso, eles dizem: “*Rompamos suas cordas, sacudamos seu jugo*”. No entanto, Jesus não deixa de convidar todas as pessoas para que assumam seu jugo: “*Vinde a mim, vós que andais cansados e curvados, e eu vos aliviarei. Tomai meu jugo e aprendei de mim, que sou tolerante e humilde, e vos sentireis aliviados*” (Mt 11,28-29).

Sl 2,4: “*Sentado no céu sorri, o Senhor caçoa deles*”.

Agora a narração muda sua atenção para Aquele que é o verdadeiro protagonista da história humana. Ele habita acima dos céus, e por isso Ele está acima de todo tumulto e está em condições de exercer a verdadeira soberania sobre aqueles que se sentem desconectados de toda lei e de todo vínculo. Seu sorriso é capaz de dilacerar a espessa treva da arrogância e da violência. O sorriso é como um facho de luz, que penetra nas profundezas do coração humano, abrindo-o para novos olhares e pensamentos de paz.

Sl 2,5: *“Depois lhes fala com ira, e com sua cólera os espanta”*.

O sorriso de Deus está intimamente ligado à sua ira. Ele deve ser entendido como sinal de uma inabalável coerência, no que diz respeito à sua vontade de amor, na relação com sua criatura. Essa sua coerência, essa extrema fidelidade ao propósito da salvação, perturba o mundo interior de quem pretende gerir o mundo a seu bel prazer, preocupado unicamente em salvaguardar seu próprio poder.

Sl 2,6: “*Eu mesmo ungi o meu rei em Sião, meu monte santo*”.

Agora é o próprio Senhor que fala e que torna conhecida sua iniciativa em relação ao Rei Messias, que levará ao pleno cumprimento o desígnio de Deus, quando, em seu retorno, recapitulará cada coisa, fazendo com que Deus seja tudo em todos.

Sl 2,7: “*Vou recitar o decreto do Senhor: Ele me disse: ‘Tu és meu filho, eu hoje te gerei’*”.

Depois da voz de Deus que, dirigindo-se ao mundo inteiro, apresentou o Messias, que deve realizar o seu desígnio, agora é o próprio Messias que toma a palavra e nos coloca ao par desse diálogo entre Pai e Filho.

O Messias aguardado, que Deus já constituiu como Senhor do universo, apresenta-se a nós em sua qualidade de Filho, ou seja, de quem vive com Deus uma relação de extrema intimidade e que, ao mesmo tempo, está engajado numa escuta atenta e obediente de Sua vontade na relação com a história humana. Para nós cristãos, a apresentação do Messias como o Filho, se dá

na cena do batismo, quando Jesus, para ser batizado, se coloca na fila com os pecadores. Naquele momento, dizem os evangelistas, “*ouviu-se uma voz do céu: Tu és o meu Filho querido, o predileto*” (Lc 3,22).

Da nossa parte, o batismo tem a força de unir-nos estreitamente ao Messias, o Filho; abre-nos para a nova dimensão de filhos e filhas adotivos, envolvidos na mesma missão do Filho e participantes do sonho de Deus Pai e Mãe na relação com o mundo (cf. v. 8).

Sl 2,9: “*Tu os triturarás com cetro de ferro, e os despedaçarás como vasilhas de barro*”.

O Filho-Rei recebe o programa de governo. Trata-se de uma ação decisiva, destinada não a destruir, mas a promover a vida e eliminar tudo o que se opõe a ela. É, acima de tudo, muito indicativa a referência ao vaso de argila. No livro de Jeremias, o profeta, é dito que vá até a oficina do oleiro. Essa é a visão que se apresenta aos olhos: “*Às vezes, trabalhando o barro, um vaso saía errado; então fazia outro vaso, como melhor lhe parecia*” (Jr 18,4). Assim, pode-se dizer que essa ação de despedaçamento não é para a condenação,

mas para recebermos uma nova forma, para sermos reconduzidos a uma história de vida e não de morte.

Sl 2,10: “*Agora, reis, sede sensatos [sábios]*”.

Depois da voz de Deus e a do Rei Messias, retorna a voz do comentarista, que se dirige àqueles que se sentem investidos de poder e responsabilidade, àqueles que puderam testemunhar a cena da entronização, para convidá-los a sentir-se envolvidos e a participar dessa forma de exercer a realeza, que é a prerrogativa da sabedoria e da sensatez.

Sl 2,11: “*Servi ao Senhor com temor e [alegrai-vos]*”.

A razão da alegria está intimamente ligada a essa forma diferente de exercer a realeza, o que possibilita a instauração de uma convivência que torne possível a vida e as relações humanas.

Sl 2,12: “*Tremendo, rendei-lhe homenagem [Beijai o Filho...]. Felizes aqueles que nele se refugiam*”.

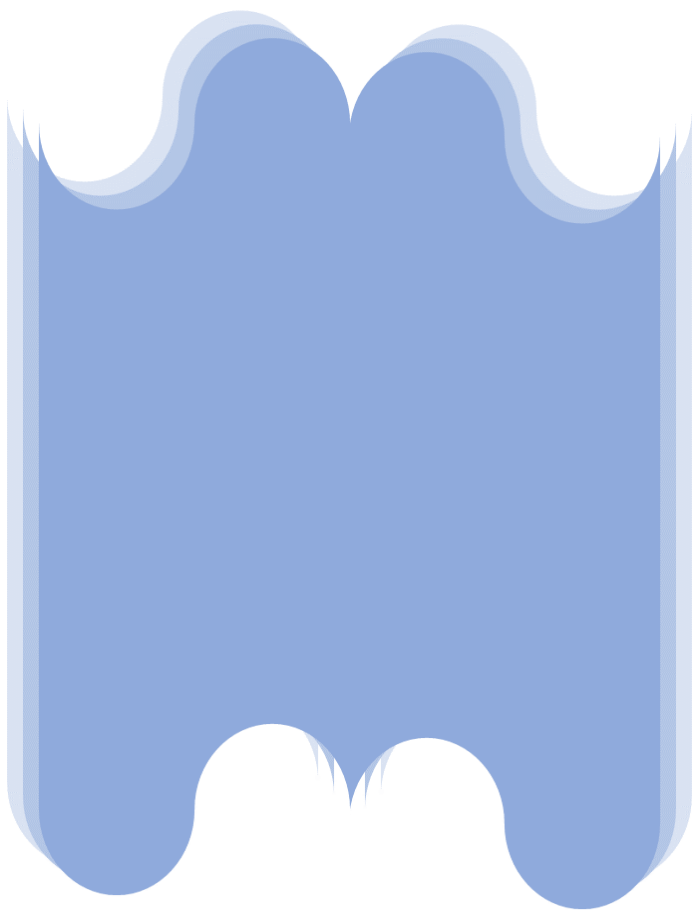
“*Beijai o Filho (...)*”. Esta é uma das possíveis traduções e que constituiria o ato de homenagem na

relação com o consagrado. O beijo é comunicação de hálito: nós lhe damos o nosso e Ele nos dá o seu! O Salmo se fecha com a reprodução da bem-aventurança; mas desta vez ela está em referência àquele que está disposto a colocar a própria confiança no Filho-Messias. Esse nosso confiar-nos é um todo com a fé e com a escuta de sua palavra. Aqueles que estão prontos para esse risco de fé descobrirão em seu caminho um novo sabor, o sabor pela vida. Estes serão, cada vez mais, confirmados no aprendizado da oração, que é um todo com o aprendizado a viver e a viver em consonância com a verdade de filhos.

Em sua obediência ao Cristo Senhor e ao seu Evangelho de paz, em sua total confiança n'Ele, cada pessoa cristã descobre como adquirir essa verdadeira sabedoria, que a torna sábia e capaz de servir ao Senhor, com temor e tremor.

Viver como filhos e filhas é, portanto, o programa que se coloca diante das pessoas que pretendem fazer o caminho da leitura/oração do Saltério, sabendo bem que tudo isso os expõe a uma

luta contínua, para deixar Cristo reinar plenamente em suas vidas, até que cada um ouça as palavras do Apocalipse dirigidas a si mesmo: “*Eu serei o seu Deus e ele será meu filho*” (Ap 21,7).





### III - A DIFICULDADE DOS INÍCIOS E A CONFIANÇA EM DEUS.

#### *SALMOS 3 A 41*

*Egidio Palumbo*

#### *1. O primeiro Livro dos Salmos (Salmos 3 a 41)*

Recebida como dom, a vocação de filho/filha de Deus e de irmão/irmã na humanidade e na fé, é semelhante à vocação do Messias, Filho de Deus: “*Tu és o meu filho, eu hoje te gerei*” (Sl 2,7). É chegado o momento, para a pessoa que crê, de enfrentar o exigente caminho da história humana, a dureza da vida quotidiana, a fadigosa arte de viver como pessoa que crê, humanizando a própria existência. Trata-se de aprender, formado pela Palavra e pelas situações da vida a conjugar, com sabedoria, a fé com o quotidiano e com os movimentos da história; realidades, o sabemos, *di per se*, complexas e complicadas. Realidade que a pessoa orante, no Salmo 23,4, qualifica

como “*vale escuro*”. Imagem simbólica e eficaz, que resume cada dificuldade humana, incerteza, tormento e sofrimento suportados pela pessoa que crê, no impacto com as várias formas de idolatria e de mundanidade que habitam em sua consciência e na consciência do mundo.

A consciência de termos sido gerados por Deus, como seus filhos e filhas, irmãos e irmãs de toda a humanidade, a imagem da forma ou estilo de vida do Messias - que para nós cristãos é o homem Jesus, Filho de Deus e nosso Irmão, que quis que sua Igreja fosse uma fraternidade-sororidade na fé (cf. Mt 23,8; Lc 8,1-3) - é indubitavelmente um projeto, um caminho de vida fascinante e entusiasmante. Cada um de nós pode fazer memória da própria geração em Deus, por meio da incorporação no Filho Jesus e na Igreja povo de Deus, ocorrida no evento sacramental-generativo do Batismo e confirmada no Crisma; cada um de nós pode fazer memória do momento no qual tomou consciência explícita de tudo isso e dos momentos de entusiasmo

do próprio caminho humano e de fé que se sucederam no tempo.

Mas, depois, veio o primeiro impacto com a complexidade da vida, com as primeiras dificuldades, as primeiras ilusões, as primeiras dúvidas, as rejeições, as indiferenças, os pensamentos vários, as visões distorcidas de Deus e da vida: em síntese, as dificuldades dos inícios de um caminho de vida cristão, que deseja ser responsável e consciente. Nós encontramos todo esse trabalho no Primeiro Livro dos Salmos (Sl 3 a 41), com o qual somos chamados a nos confrontar. Tal confronto será mais fecundo se nós nos aproximarmos dessas páginas bíblicas como pessoas que creem, que possuem no coração a humanização do mundo e o autêntico sentido da vida cristã.

Para ajudar em nossa leitura é oportuno evidenciar a estrutura redacional do Primeiro Livro, dando-nos conta de que os salmos singulares estão um ao lado do outro não de modo acidental, mas ligados por um fio condutor que os une, por uma trama existencial que os vincula um ao outro. Num olhar de

conjunto, o Primeiro Livro do Saltério aparece subdividido em três seções.

A primeira seção vai do Salmo 3 ao Salmo 14, nos quais a pessoa orante toma consciência de que a vida de quem crê, neste mundo, é uma dura luta quotidiana na fé, contra numerosos inimigos que habitam dentro de si e fora de si. A segunda seção vai do Salmo 15 ao Salmo 24 (seção central do Primeiro Livro), onde a pessoa orante se confronta com as exigências da vocação: estar na história, na presença de Deus, na centralidade da sua Palavra e na confiança da vitória do Messias. A terceira seção vai do Salmo 25 ao Salmo 41, onde a luta se torna ainda mais dura e os estados de ânimo da pessoa orante se alternam entre angústia e paz, entre confissão de culpa e invocação de inocência, entre desconforto e confiança, entre desespero e esperança no empenho decidido e generoso de prosseguir, fazendo a vontade de Deus. Tentaremos, agora, entrar no mundo vital desse Primeiro Livro.

## ***2. Primeira seção: Salmos 3 a 14. A vida é uma luta contínua***

Entusiasmado por ter sido gerado filho/filha de Deus e irmão/irmã de todos na fé e na humanidade, eis que a pessoa orante acorda cedo pela manhã e percebe que tem inúmeros inimigos (“*Senhor, quantos são meus adversários...*”: Sl 3,2), inimigos que a colocam à prova e a perseguem dia e noite. A luta começa pela manhã (cf. Sl 3) e segue à noite (cf. Sl 4), continua no dia seguinte, pela manhã (cf. Sl 5) e à noite (cf. Sl 6). É como se estivesse a dizer: “*Cada dia é uma luta contínua!....*”. No diálogo interpessoal com Deus, a pessoa que reza torna-se consciente de que a vida de fé neste mundo é uma luta, um combate duro e exaustivo, porque ela deve lutar todos os dias contra numerosos inimigos que habitam dentro de si mesma (desejos, impulsos, visão de vida, preconceitos...) e ao seu redor (condicionamento cultural, social e religioso...) e, conseqüentemente, ela passa noites sem dormir, em lamentação e choro (cf. Sl 6,7). Provada pela dor, a pessoa orante, nesses salmos de súplica, que se

sucedem num ritmo incessante, pede ajuda, proteção e apoio de Deus, porque sabe que o Deus da Aliança é um Deus confiável, digno de confiança, que não decepciona e não engana; que vê a malvadez, odeia o mal e está sempre ao lado dos pobres e dos oprimidos (cf. Sl 3,4.6.9; 4,4.9; 5,12-13; 12,6-8; 14,2.5-6...).

Já nesses salmos percebemos que os protagonistas de todo o Saltério são três: Deus, a pessoa orante e os inimigos. Com relação a Deus, nós já falamos, e ainda vamos falar em seguida. Também já dissemos algo sobre a pessoa orante. Aqui, porém, deve-se acrescentar que ela, ao considerar-se justa e inocente, ao contrário dos inimigos que estão fora de si, reconhece ser pecadora, porque os inimigos também habitam em sua interioridade, estão dentro de si mesma (cf. Sl 6,2-4; 7,4-6; 9,14-15). Mas, o que dizer dos inimigos? Eles são numerosos e são qualificados como adversários, perversos, malfeitores, mentirosos, corruptos; eles se vangloriam do mal que fazem, pensam que Deus está distraído e não vê nada; que, em todo caso, tudo sempre irá bem para eles; por essa razão

eles espionam o justo e o pobre e tentam colocá-lo em dificuldade, tirar vantagem dele e fazê-lo cair (cf. Sl 5,10; 7,15; 10,2ss; 14,1).

Diante desta situação insuportável, a pessoa que reza implora a Deus para que intervenha com sua ira – *“Até quando, Senhor? Tu te esqueces para sempre? Até quando tu me escondes o teu rosto? Até quando deverei ficar cismado, com o coração aflito o dia todo? Até quando vai prevalecer o meu inimigo?”*: (Sl 13,2-3; cf. Sl 6,4) – e, assim, destrua o mal feito pelos ímpios (cf. Sl 5,11; 9,16-18). Perguntamos a nós mesmos: por que a pessoa orante suplica a Deus com palavras fortes e violentas contra o inimigo? E em que consiste a ira de Deus? Essas são perguntas legítimas, mesmo que uma súplica desse tipo, dirigida a Deus, pareça ser inconcebível para um cristão. Assim, normalmente, se pensa. Na realidade, esses salmos de súplica ou de “imprecação” devem ser entendidos não à maneira humana, mas à maneira de Deus, uma vez que nos ajudam a estar diante de Deus e diante dos adversários,

internos e externos; ou seja, eles nos ajudam a rezar e agir na verdade.

Então, quando a pessoa orante, de coração partido pela opressão de seu inimigo, volta-se a Deus a fim de que destrua o inimigo, ela está colocando sua vida nas mãos de Deus, ela está se confiando a Deus. A pessoa que reza sabe bem que Deus não reage de maneira humana - ou seja, respondendo à violência com violência, ao mal com o mal – mas, à sua maneira, respondendo ao mal com o bem, à violência com a não-violência, ou seja, tentando corrigir o inimigo e convertê-lo ao bem. Foi assim que também Jesus rezou os salmos imprecatórios, e agiu diante de seus adversários e perseguidores. Foi assim que o diácono Estêvão rezou e reagiu. Assim, o apóstolo Paulo, que estava presente e aprovou o apedrejamento de Estêvão, compreendeu perfeitamente a maneira sábia com que Deus luta contra o mal, maneira que também deve tornar-se nossa. De fato, ele escreve, em Rm 12,17-21, onde se evocam várias páginas do Antigo Testamento,



como Gn 50,19; Lv 19,18; Dt 32,35; Pr 20,22; 25,21-22:

*“A ninguém pagueis mal com mal, proponde-vos fazer o bem que todos aprovam. Na medida do possível, de vossa parte, vivei em paz com todos. Não vos vingueis, queridos, dai lugar ao castigo de Deus. Pois está escrito: Minha é a vingança, eu retribuirei, diz o Senhor. Porém, se te inimigo tiver fome, dá-lhe de comer, se tiver sede, dá-lhe de beber; assim o farás corar de vergonha. Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem”* (Rm 12,17-21).

Daqui, aliás, entendemos que a ira de Deus não é semelhante à ira humana, tendendo a aniquilar moral e/ou fisicamente o adversário. Não, a ira de Deus é a outra face da sua misericórdia: ele não permanece indiferente ao mal. Deus, com força, manifesta toda a sua indignação e, ao mesmo tempo, responde ao mal com o bem, a fim de corrigir e converter o inimigo à paz e à justiça, para que aprenda a tecer relações de fraternidade-irmandade e a cuidar do pobre e do fraco. *“Pois dize-lhes: Por minha vida - oráculo do Senhor -,*

*juro que não quero a morte do perverso, mas que mude de conduta e viva. Converti-vos, mudai de conduta, perversos, e não morrereis, ó casa de Israel!”* (Ez 33,11; cf. Ez 18,23).

As parábolas da misericórdia narradas por Jesus em Lucas, capítulo 15, são um comentário aprofundado e exaustivo de Ezequiel, assim como o Sermão da Montanha e, em particular, aqueles versos relativos ao amor aos inimigos (cf. Mt 5,38-42; Lc 6,27-36), cujo ápice revelador contemplamos no evento pascal da Cruz. Na Cruz Jesus, desarmando a inimizade e a violência humana, assumindo-a sobre si mesmo, abre-nos o caminho para a reconciliação com o Pai e com cada pessoa humana (cf. Rm 5,5-11; Ef 2:1-10.14).

Eis que os Salmos de súplica e, também, os imprecatórios, nos ajudam a rezar e agir, imbuídos pela verdade, contra nossos adversários externos. Esses salmos, em síntese, ensinam: 1) a não ser indiferentes ao mal, mas saber expressar toda a nossa indignação; 2) a confiar-nos a Deus e internalizar sua maneira de reagir contra o inimigo, seja desarmando-nos a nós

mesmos, é a luta diária contra os inimigos que habitam dentro de nós (cf. Mi 7,6; Mt 10,36), seja reagindo ao mal fazendo o bem. E, porque lutar contra os adversários à maneira de Deus é sempre mais desafiador do que lutar à maneira humana, mais precipitada..., esses Salmos também nos ensinam 3) a perseverar no caminho da vida e a não cair na tentação de fugir do Senhor e de abandonar a luta (cf. Sl 11,1-3).

Nessa situação de dura opressão, em que a pessoa orante suplica a ajuda de Deus, sem perder a confiança n'Ele, o Salmo 8 louva a grandeza de Deus e a grandeza do ser humano, é a referência central. A grandeza de Deus (Sl 8,1-3.10) é cantada pela criação, terra, céu e mar e, em particular, pelo ser humano frágil e mortal, cuja figura simbólica é representada pelos bebês e crianças, isso é, pelas pessoas mais fracas e frágeis, mais expostas aos perigos e obstáculos da vida, as que mais sentem a necessidade de confiar-se aos outros. É, portanto, através dos pobres que Deus mostra sua grandeza e reduz ao silêncio a arrogância de seus

adversários. Aqui está o estupor do salmista com a grandeza do ser humano que, pela condição de criatura, é frágil e fraco (Sl 8,4-9). O ser humano é grande em seu limite de criatura – *“Tu o fizeste pouco menos do que um deus”* (Sl 8,6), ou seja, ele é uma criatura e não um deus – e, por isso, Deus cuida dele e lhe confia a responsabilidade, *“o domínio sobre as obras de suas mãos”* (Sl 8,7), de cuidar e proteger o mundo e a criação. Quem é, pois, o ser humano? Ele é aquele que, colocado em um mundo complexo e cheio de dificuldades, cultiva os sonhos e os projetos de Deus, para colaborar com Ele na construção de um mundo redimido, reconciliado e humanizado.

### *3. Segunda seção: Salmos 15 a 24. As Exigências de ser filhos/as e irmãos/ãs*

Estamos na seção central do Primeiro Livro dos Salmos. Aqui a pessoa orante, em seu caminho existencial e de fé, obstaculizada pela presença de inúmeros inimigos, dentro e fora de si, concentra sua atenção sobre as exigências da vocação recebida como

dom. O que significa o fato de ser filho/filha de Deus e irmão/irmã na humanidade e na fé? Eis o Salmo 15, que abre a seção, e o Salmo 24, que a fecha, por meio da inclusão. Tornar-se filhos/filhas de Deus significa estar em sua Presença, morar n'Ele, viver uma relação de comunhão interpessoal com Ele, viver um caminho de busca por seu Rosto: *“hospedar-se em sua tenda”*, *“habitar no monte santo”* (cf. Sl 15,1); *“subir ao monte do Senhor”*, *“estar no recinto sagrado”*, *“este é o grupo que o busca; que vem visitar-te, Deus de Jacó”* (cf. Sl 24,3.6). E deve ser claro para nós, como é claro para o salmista (cf. Sl 24,1-2), que a Presença do Senhor não está apenas no templo, mas também em nossa pessoa, em nossa humanidade e em nossa história, onde somos chamados todos os dias a buscar o Rosto de Deus. Sim, também nós e, em particular, os pobres, todos criados à imagem de Deus e à semelhança do Filho Jesus, somos o lugar da moradia e habitação existencial de sua Presença; e, para um cristão, da presença do Deus Trindade, que é a presença da comunhão (cf. Jo 14,23).

Somos templo de Deus e de seu Espírito (cf. 1Cor 3,16-18; 2Cor 6,16; Ef 2,21; Hb 3,6).

É por isso que o Salmo 15, nos versículos 2-5, diz como ser o lugar da moradia de Deus no cotidiano, no mundo e na história: agir com justiça; ou seja, ser transparente e inequívoco com os outros, estar atento e solidário com os pobres, com os empobrecidos pela ganância dos ricos, e com os indefesos, e, ao mesmo tempo, tecer relações de fraternidade, autêntica-fraternidade-humana e de fé. Da mesma forma, o Salmo 24,4 afirma que a transparência do coração e o agir com mãos inocentes, isto é, sem arrogância e violência, nos tornam um lugar de acolhida de Deus e seu templo existencial. O centro dessa seção é, significativamente, o Salmo 19. É um louvor à Palavra de Deus que, implicitamente, fala à pessoa que crê, através da criação (Sl 19,2-7) e, explicitamente, através do dom da *Torah* (Sl 19,8-15), a Palavra escrita, entregue ao povo de Deus no Monte Sinai, como a Palavra que ilumina, dirige e sustenta o caminho da vida. Devemos notar que esse salmo é precedido pelo Salmo 18, que

ênfatiza o amor da pessoa que reza a Deus e o amor de Deus pelo justo perseguido; amor de um Deus que se abaixa e se humilha e que, por essa razão, se abre, no último versículo, para a evocação do Messias vitorioso sobre seus inimigos.

#### ***4. Terceira seção: Salmos 25 a 41. A luta torna-se mais difícil e a obediência à Palavra mais exigente***

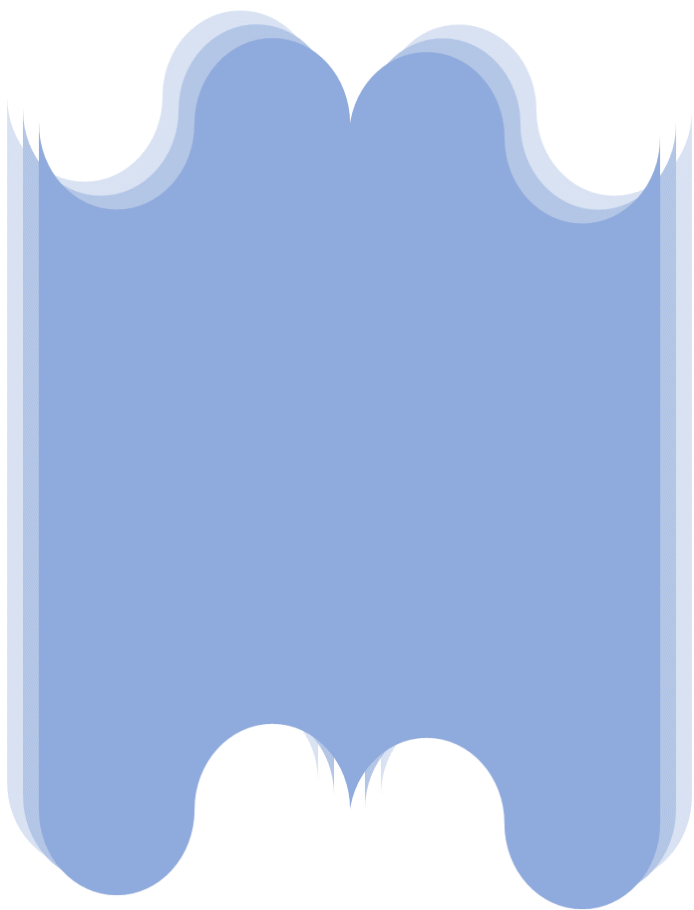
Essa seção fecha o Primeiro Livro dos Salmos. A pessoa orante experimenta que, dia após dia, a luta contra os adversários internos e externos torna-se cada vez mais dura e áspera, a ponto de invocar seu Deus desta forma: *“Não me ocultes teu rosto. Não afastes com ira o teu servo, pois tu és o meu auxílio; não me rejeites, não me abandones, Deus de minha salvação. Ainda que meu pai e minha mãe me abandonem, o Senhor me acolherá. [...] Não me entregues à sanha de meus rivais. Levantam-se contra mim falsas testemunhas, acusadores violentos”* (Sl 27,9-10.12). Nessa condição existencial, os estados de humor da pessoa que reza se alternam num ritmo asfíxiante, com

ondas altas e baixas: ora sentimentos de paz, ora de angústia; ora protesto de inocência, ora confissão de culpa; ora confiança em Deus, ora desânimo; ora esperança em Deus, ora desespero; ora a certeza de que é melhor o pouco dos justos, porque são os únicos capazes de habitar e cuidar da terra, ora, em vez disso, a tentação de imitar o ímpio, a quem se inveja, porque todo empreendimento dele vai bem para ele... (cf. Sl 37).

Essa fase do árduo caminho de crescimento da pessoa orante na filiação e na fraternidade se conclui, em todo caso, com o compromisso de cumprir a vontade de Deus: o verdadeiro sacrifício que Deus pede é realizar sua vontade, em conformidade com sua Palavra, que merece escuta cuidadosa e meditação. E assim a pessoa orante, em obediência à Palavra Santa, declara a Deus sua disponibilidade, não obstante o clima de opressão, para habitar nesta terra segundo o estilo dos pobres e dos justos. Por isso diz, “*Aqui estou*’. *No texto do rolo está escrito de mim que hei de cumprir tua vontade: e eu o quero, Deus meu, levo tua*



*instrução nas entranhas” (Sl 40,8-9). Assim como, em obediência ao Pai, o Filho Jesus dirá, entrando em nosso complexo e complicado mundo: “Não quiseste sacrifícios nem oferendas, mas me formaste num corpo. Não te agradam holocaustos nem sacrifícios expiatórios. Então eu disse: Aqui estou, vim para cumprir, ó Deus, tua vontade – como está escrito de mim no livro” (cf. Hb 10,5-7).*



## IV - ENTUSIASMOS JUVENIS, PERDAS, QUEDAS E NOVOS RECOMEÇOS.

### *SALMOS 42 A 72*

*Alberto Neglia*

#### *1. O conjunto do Segundo Livro do Saltério (Salmos 42 a 72): A juventude*

Nesta reflexão ocupar-nos-emos com o Segundo Livro dos Salmos, do Salmo 42 ao Salmo 72, onde a juventude, com seu entusiasmo juvenil, mas também com suas quedas, é colocada em evidência no caminho espiritual. O tema unificador deste Segundo Livro é aquele desejo de Deus, expresso imediatamente no início do Salmo 42,2-3: *“Como a cerva anseia pelas correntes de água, assim minha alma anseia por ti, ó Deus. Minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo: Quando entrarei para ver o rosto de Deus?”*. Esse desejo de comunhão com Deus é característico da

juventude, da juventude de Israel, da igreja e da pessoa que crê. É a aurora do mundo, é o tempo do canto: “*Meu coração está firme, ó Deus, meu coração está firme: cantarei e tocarei. Despertai, cítara e harpa! Despertai a aurora*” (Sl 57,8-9).

Mas onde procurar Deus? Certamente no templo: “*Assim te contemplarei no santuário*” (Sl 63,3), no espaço litúrgico, mas também no espaço comunitário: “*O Senhor dos exércitos está conosco, nossa fortaleza é o Deus de Jacó*” (Sl 46,8). Entre esses salmos levíticos, quase no início, encontramos um salmo messiânico: é aquele para as núpcias do Messias. As núpcias são um convite a mais para a juventude. Na verdade, é cantada a beleza do Noivo: “*És o mais belo dos homens, em teus lábios se difunde a graça, porque Deus te abençoa para sempre*” (Sl 45,3). E a noiva, a criatura humana, é convidada a ouvir: “*Escuta, filha, vê, dá ouvidos; esquece teu povo e a casa paterna, o rei está apaixonado por tua beleza; presta-lhe homenagem, pois Ele é teu Senhor*” (Sl 45,11-12).

Ao centro do Segundo Livro, como um divisor de águas entre os salmos levíticos e davídicos, está a grande súplica do Miserere (cf. Sl 51). Todo o salmo é uma lição de contrição do coração, para os próprios pecados, uma oração insistente para o dom de um coração puro, de um coração novo, da alegria de ser salvo (Sl 51,12-14). É a oração pelo nascimento do ‘homem novo’, pelo cancelamento do ‘homem velho’, com todos os seus fardos, os seus ossos quebrados. Este Segundo Livro termina com a visão messiânica do Salmo 72: as montanhas, das quais desce a paz; as colinas, das quais desce a justiça; um reino, que dura tanto quanto a lua; o nome do Messias, que é anterior ao sol. Ainda estamos numa idade de grandes esperanças e sonhos. Nesse encontro refletiremos de forma particular no Salmo 51.

## ***2. “Cria em mim, ó Deus, um coração puro”***

O Salmo 51 está intimamente unido ao Salmo 50. Para entendê-lo é apropriado destacar o conteúdo desse último, e também compreender o horizonte no qual

ambos estão inseridos. Os dois salmos são, de fato, elementos de uma única composição que acompanha a liturgia penitencial. Eles correspondem a dois momentos de uma típica liturgia penitencial, que é fácil de encontrar no Antigo Testamento: aquela do julgamento bilateral. Trata-se de uma relação direta; não se recorre a uma terceira pessoa, um juiz que seja alheio e neutro. Aqui dois personagens litigam e a solução da disputa acontece dentro do debate. A pessoa ofendida convoca aquela que a ofendeu e pede que sua inocência seja reconhecida, assim como o erro daquela que a ofendeu. Que decisão tomará a pessoa inocente? Quando a infratora reconhece sua culpa e deseja mudar de conduta e repará-la, a parte inocente tem três soluções, todas as três justas: a) exigir a reparação; b) fazer um acordo, diminuindo a pena; 3) rasgar o documento de débito e perdoar generosamente a pena.

Os Salmos 50 e 51 se movem dentro deste contexto judicial. O Salmo 50 contém a declaração com a qual *JHWH* propõe sua acusação. Ele se dirige ao seu povo para confrontá-lo a um comportamento que

contradiz os compromissos assumidos com a Aliança. Não deve surpreender-nos, porque “*JHWH repreende a quem ele ama, como um pai ao filho querido*” (Pr 3,12; cf. Ap 3:19); “*Quem fecha os olhos causa pesares, quem repreende abertamente traz remédios*” (Pr 10,10) e, lembra-nos da Sabedoria. Por essa razão, São Basílio nos recorda: “*É mais impiedoso quem deixa ir e negligencia a quem deveria chamar atenção...*”. O salmo 51 contém a resposta com a qual o povo (Davi) faz sua própria confissão. É uma confissão do pecado e, ao mesmo tempo, uma invocação de perdão. Vamos dar uma olhada nos dois salmos.

## **2.1. O Salmo 50**

*Sl 50,1-3*: Deus fala, não está calado; não conduz irritado, mas avança e protesta. Deus fala, não guarda ressentimentos; ele abre o discurso.

*Sl 50,4*: O céu e a terra participam do processo, como testemunhas naturais.

*Sl 50,5*: O Senhor convoca o povo que se comprometera a custodiar a aliança e promove o debate.

*Sl 50,7*: Escuta (ouve)! Israel deve redescobrir o papel de ouvinte, com uma atitude dócil.

*Sl 50,8-13*: O Senhor repropõe novamente os temas e as advertências caras aos profetas: que sentido possui o culto, se faltar a justiça? A injustiça não tem nenhuma via de saída, diante do culto que a desmascara (cf. Is 1,10-20; Jer 7; Os 6,6; Am 5,21-24).

*Sl 50,14-15*: Entregar-se a Deus! Isso é o que te peço, é isso que tu não me dás: um sacrifício de louvor, de confissão. Confissão daquela que é a realidade humana: apresenta a tua realidade de criatura. Eu não te peço novilhos, peço que tu te entregues a mim; este é o sacrifício de louvor. Este é o mandamento fundamental.

*Sl 50,16-20*: Deus diz ao ímpio... Aquele que foi convocado, é desmascarado: ele é ímpio! E aqui são apresentados todos os outros mandamentos, *que* se resumem no amor ao próximo. Eu te convoquei para



dizer-te que tu não amas; eu não busco soluções que não passem por tua conversão. Feliz aquele que é desafiado por Deus: tu não amas a Deus e não amas ao teu próximo. Não é verdade que minha palavra é luz para os teus passos? Mas tu a jogas às costas, ela é um fardo para ti, ela te pesa, te esmaga.

*Sl 50,21*: Tu não amas! E pensavas que eu sou como tu és. Que, como tu, também eu não ame? Esta é a acusação de Deus, que não renuncia ao amor.

*Sl 50,22-23*: Eu não sou um Deus cúmplice, mas um Deus que te desafia. A correção é para a salvação. A última palavra é a salvação de Deus. Porque Deus não quer a morte do pecador, mas se converta e viva (cf. Ez 18,23).

## **2.2. O Salmo 51**

O Salmo 51 é atribuído a Davi, depois do pecado (cf. 2Sm. cc. 11 e 12); entende-se, pois, o quadro escuro. É de uma riqueza inexaurível. Ele percorre toda a história da Igreja e da espiritualidade: constitui o esquema interior das Confissões de Agostinho. O

Miserere é a oração da pessoa de todos os tempos, pertence à história da humanidade. Meditando-o, entramos no coração da pessoa e no coração da história humana. O Salmo 51, então, deve ser rezado juntamente com o Salmo 50. No Salmo 50 todo povo é convocado, no Salmo 51 a resposta é pessoal. Se se excluir o acréscimo final (Sl 51,20-21), o Salmo 51 se divide em duas seções:

- Sl 51,3-11: descrição do reino do pecado;
- Sl 51,12-19: descrição do reino da graça: o

Espírito que cria.

O v. 12 é o pivô no qual o Salmo 51 está aparafusado e em torno do qual ele gira: “*Cria em mim, Deus, um coração puro, renova-me por dentro, com espírito firme... (Sl 51,12)*”.

### *2.2.1. Primeira parte: o grande coração de Deus (Sl 51,3-11)*

Existe uma construção concêntrica na qual, no centro é colocada a *confissão* da inocência de Deus: “*Que teus argumentos te façam justiça e saias inocente*

*do julgamento*” (Sl 51,6b). Enquanto que no início (Sl 51,3-4) e no final (Sl 51,9-11), na forma de inclusão, está a súplica a Deus pedindo para apagar o pecado que, mais do que uma ação, tornou-se agora uma situação triste e insuportável. A primeira parte (Sl 51,3-11) oferece um quadro sombrio da realidade da pessoa, revelada pela palavra acusadora de Deus (cf. Sl 50). A pessoa é prisioneira e subjugada pela senhoria do pecado, e por isto ela invoca: “*Tem piedade de mim, ó Deus, segundo a tua misericórdia*”. Ao centro dessa imagem escura brilha uma luz iluminadora: Deus é justo! Em resposta, pois, à acusação de Deus, a pessoa se abre para uma *confessio* plena, na qual, por um lado, reconhece sua culpa e pede sua libertação, e, por outro, exalta a inocência e a justiça de Deus.

O apelo à misericórdia de Deus é dirigido, em primeiro lugar, para que cancele (*machah*) o pecado. O ponto de partida do caminho da conversão do coração é da iniciativa de Deus. Ele, primeiro, dá a mão. Os vocábulos que a versão portuguesa usa para indicar o que a pessoa fez (o pecado, as culpas) não traduzem

adequadamente a língua original. Na verdade, no texto hebraico são usadas três palavras diferentes, que poderiam ser lidas assim: apaga minha rebelião; lava-me de toda a minha desarmonia; livra-me de toda a minha dispersão. O pecado é um engano fundamental da pessoa, uma distorção, uma desarmonia, uma rebelião, uma vontade de projeto alternativo e contrastante com o projeto de Deus.

As palavras que indicam a desorientação da pessoa encontram eco em três apelativos divinos:

1) *channenì*: sê benigno comigo, enche-me com a tua graça. Diz-se que Deus é um dom gratuito, a essência da gratuidade;

2) *ke-chasdek*: de acordo com a tua misericórdia, amor. A insistência não é sobre a pessoa pecadora, mas sobre a bondade de Deus. O *hessed* indica a atitude típica de Deus em relação ao seu povo, que se comporta com lealdade, confiabilidade, fidelidade, bondade, ternura, constância na atenção e no amor. Nada acontece em mim sem uma atenção da ternura de Deus;

3) *rachameka*: o teu grande amor, isto é, coração, vísceras. É uma palavra profundamente materna e indica a capacidade de levar alguém para dentro, de identificar-se com uma situação de modo a vivê-la em sua própria carne. A pessoa está, portanto, presente com seu pecado, com seu fracasso; mas, diante dessa pessoa está Deus, cuja ação é invocada com três atributos que remetem a um rosto que vê e ama. No salmo, pois, a ênfase não está primeiramente na miséria da pessoa, mas no grande coração de Deus.

Esses três atributos nos dão o tom do Salmo 51, que é um hino para encontrar Deus como Ele é. Nesta primeira parte, os sujeitos são três: o próprio eu; o pecado no qual a pessoa se sente inserida e o tu de Deus, que é a chave para entender todo o significado do Salmo. Deus, em sua iniciativa de amor e misericórdia projetada, na escuridão da minha psique, nas profundezas da minha consciência, a luz do seu projeto. Ao fazê-lo, isso me leva a descobrir a verdade sobre mim mesmo, me dá respiro, me ajuda a entender quem

sou chamado a ser, o que eu deveria ter sido, o que posso ser com sua graça.

### *2.2.2. Segunda parte: o Espírito criador (Sl 51,12-19)*

Ela se abre com uma tríplice invocação do espírito (*ruach*) criador: “*Meu espírito na respiração do seu espírito será consolidado*” Tudo depende da atividade criativa do Espírito. Onde o Espírito é invocado, a Palavra é eficaz. É Palavra que cria. Ela envia o Espírito Santo, realiza suas intenções. Vejamos, em particular, 51,12-14. O v. 51,12 é construído em forma paralela: um coração puro (*leb tahor*) cria (*berà*) em mim, ó Deus; com espírito firme (*ruach nakon*) renova (*chades*) dentro de mim. O paralelismo entre coração e espírito retorna ao v. 51,19. O v. 51,13 é construído em forma cruzada: “*Não me expulses longe do teu rosto (paneka) nem me tires teu santo espírito*”.

Ao centro do versículo são colocados, em estreita relação, o rosto de Deus e o espírito de Deus. Aqui o paralelismo entre o rosto e o espírito de Deus

está em relação com a ação criativa e renovadora de Deus. O coração puro é criado por Deus, através da ação vivificante do Espírito de Deus, ligado à sua presença (rostro). É o Espírito Santo de Deus que cria o coração puro. O v. 51,14 também é construído em forma cruzada. Aqui a formulação negativa do v. 51,13 (“*não me expulses, não me tires*”, agora se torna positiva: “*Devolve-me a alegria da salvação, sustenta-me com teu espírito generoso*”. A salvação está intimamente ligada com o Espírito generoso de Deus.

### *2.2.3. O significado teológico dos versículos 51,12-14*

No v. 51,12, a pessoa orante, corajosamente, pede a intervenção criativa de Deus. Uma intervenção que diz respeito à pessoa em sua vida profunda, o coração, lá onde a pessoa é ela mesma e de onde começa sua manifestação externa. Jesus o dirá mais tarde. Essa profunda realidade da pessoa é expressa em dois termos paralelos: coração e espírito, uma combinação, especialmente, querida por Ezequiel. A obra de Deus invocada na oração não consiste,

simplesmente, em perdoar os pecados, no sentido de fechar um olho ou não levar em conta as transgressões, mas é uma obra de salvação: “*devolve-me a alegria da salvação*”. Na Teologia da aliança é uma comunhão pessoal com Deus: ver seu rosto, logo, desfrutar de seu favor, de sua bondade.

Essa salvação mobiliza o poder criador de Deus; é uma nova criação, que começa da vida profunda da pessoa. É Deus e, em particular, o seu Espírito que trabalha tudo isso. A pessoa que reza volta-se para Deus, invocando o seu Espírito de santidade (v. 51,13b) e o seu Espírito de generosidade (v. 51,14b). O Espírito Santo torna o coração puro e o faz viver na presença de Deus, no tu a tu com Ele. O Espírito generoso injeta o espírito decidido na pessoa, um espírito que a torna capaz de viver fiel a Deus. Assim, a pessoa orante não somente pede para ser re-feita em seu íntimo; pede o próprio espírito de Deus; ela necessita permanentemente do Espírito Santo, para torná-la firme (fiel), com sua presença.



Portanto, no Salmo 51,12 não se pede apenas que o coração seja purificado do pecado; pede-se um novo coração, diferente daquele da primeira criação: um coração não inclinado ao mal, puro (*tahor*), capaz de observar fielmente os mandamentos de Deus. A salvação não é reparar, mas fazer novo, isto é, pressupõe a destruição prévia do que é antigo. Isso é dito claramente em Ez 36,24-28, onde estão presentes dois momentos: primeiro a purificação, depois, o dom do coração novo e do espírito novo, pela ação do Espírito de Deus derramado no íntimo da pessoa, que leva a transformação a bom termo. O autor da salvação, numa nova criação e nova aliança, é Deus, mediante seu Espírito. Ezequiel, na famosa visão dos ossos ressequidos (cf. Ez 37,1-14), é o profeta que, mais do que qualquer outro, evidencia que a renovação interior e a salvação acontecem por obra do Espírito Criador (cf. Ez 37,9). Nessa visão encontra-se o verbo soprar, o mesmo que é usado em Gênesis 2,7, para indicar a criação do homem. Em essência, o Espírito de Deus é a presença ativa do Deus transcendente, a presença

criativa e vivificante do Deus vivo e criador. O Espírito de Deus salva, criando novamente a pessoa, a partir de dentro, colocando-a em uma nova e duradoura relação de aliança com Deus (vv. 51,12-13).

Assim, a salvação de Deus, por meio de seu Espírito, entra profundamente na pessoa, parceira de Deus. Entra, a ponto de tocá-la nas entranhas (coração-espírito), onde está a resposta responsável, a obediência livre a Deus, sem com isso privá-la de sua liberdade. Pelo contrário, cria e promove a fidelidade. Dessa forma, Deus, com a força de seu Espírito, torna fiel e amante o coração humano, torna-o capaz de amar com amor divino. Assim, os Salmos 50 e 51 não se colocam numa condição jurídica de pecado, mas na perspectiva da história da salvação. História caracterizada pela aliança, para a qual pecar é sair da história, é negar a vida que deriva da aliança. O pecado, assim entendido, não é um fato individualista, mas, profundamente pessoal (coração, decisões) e, por isso, comunitário. A novidade do Salmo 51, em relação aos textos proféticos paralelos, está no fato de que a

salvação, como “*uma nova criação*”, não é mais apenas uma promessa, mas torna-se oração rica de esperança, ou seja, torna-se palavra credível e vivida; na oração já se toca, de alguma forma, no cumprimento da salvação.

Salmo 51,19: A pessoa agora salva, com um coração contrito, torna-se um sacrifício agradável a Deus. A própria pessoa, com o coração partido, torna-se um sacrifício, porque ela é arrancada das profundezas do pecado; porque ela é recriada em seu ser mais íntimo e colocada em uma nova relação de aliança com Deus, em virtude de seu Espírito santo e generoso. A pessoa morre ao pecado para viver fielmente com Deus e para Deus. O coração puro pode estar na presença de Deus, na vida e no culto. A pessoa pecadora, libertada do pecado e renovada no coração e no espírito, é tirada da morte; assim, sua língua, mas, acima de tudo, sua vida torna-se um sacrifício de louvor a Deus.

#### 2.2.4. *O Espírito de Deus e a missão (Sl 51,15-17)*

A experiência da salvação impulsiona à missão: “*Ensinarei teu caminho aos perversos, e os pecadores voltarão a ti*” (v. 51,15). O Espírito torna missionários. Aqui pode-se ver uma analogia com a missão profética. O profeta é chamado “*o homem do Espírito*” (cf. Os 9,7), isto é, o homem habilitado pelo Espírito de Deus para realizar sua missão (cf. Is 61,1). A pessoa pecadora recriada oferece-se como testemunha no compromisso do louvor (v. 51,17).

O salmista, de forma precisa, exprime seu compromisso missionário, que corresponde ao itinerário por ele percorrido: farei entender, para aquele que está sem um caminho, que ele existe, que Tu, ó Senhor, estás vindo ao seu encontro. Vou fazê-lo entender, não como alguém que dá uma lição ou uma exortação, mas como testemunha do que aconteceu em mim.

Aquele que percorreu um caminho penitencial genuíno pode ajudar outros a entender que há uma via de saída, uma via pela qual o próprio Deus vem ao

encontro, em Jesus, como Ele veio a encontrar-me. Exemplar, nesse sentido, é a Samaritana, que deixa o cântaro e vai contar aos seus concidadãos a verdade que Jesus fez em sua vida, levando todos para Jesus (cf. Jo 4).

### **3. O Salmo 72**

Esse Salmo fecha o segundo livreto dos salmos e traz, no início, a indicação: *de Salomão*. A tradição judaica e cristã vê em Salomão o retrato antecipado do rei messiânico, previsto por Isaías (9,5; 11,1-6). A leitura messiânica me parece a mais adequada, porque nem Salomão nem qualquer outro rei na história de Israel, jamais, foi capaz de resumir em si mesmo as características do Messias aqui delineadas, e que, somente Cristo Jesus realizará efetivamente em sua pessoa. Também esse é o pensamento de Santo Agostinho: *“As coisas cantadas nesse salmo se adaptam maravilhosamente a Cristo, o Senhor. Compreende-se, portanto, que também o nome de Salomão é usado em sentido figurativo, de modo que se*

*entenda Cristo. Salomão significa, de fato, pacífico; esta palavra adapta-se perfeita e verdadeiramente a Cristo... Uma vez que, portanto, encontramos o verdadeiro Salomão, isto é, o verdadeiro rei da paz, prestemos atenção ao que o salmo, em seguida, nos ensina”.*

No Salmo está presente um simbolismo social, ligado à função do rei, que é pai do seu povo. A defesa dos pobres e dos fracos é uma função clássica do rei messias. Nosso Salmo dedica um quadro inteiro (Sl 72,12-14) a essa operação de justiça social e de resgate do pobre, defendido pelo próprio Deus contra os abusos: *“Porque ele livra o pobre que pede auxílio, o oprimido que não tem protetor. Que tenha piedade do pobre e desvalido, e salve a vida dos pobres. Que os resgate da crueldade e da violência e tenha seu sangue em grande apreço”.*

Assim, ao ler o Salmo 72, não podemos deixar de aplicar, como dissemos antes, as palavras, em sua carga de esperança e em sua abertura e tensão, ao Messias por excelência, o Cristo. O sentido vigoroso da

justiça divina e real, especialmente para com os pobres (Sl 72,12-14), é o mesmo da proclamação de Jesus na sinagoga de Nazaré, com base em Is 61,1-2: *“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para que dê a boa notícia aos pobres; enviou-me para anunciar a liberdade aos cativos e a visão aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, para proclamar o ano da graça do Senhor”* (Lc 4,18-19).

Esse Salmo fecha o segundo livreto do Saltério. O Salmo 42, que abre este livrinho, é sustentado por uma particular tensão emotiva: *“Como a cerva anseia por correntes de água, assim minha alma anseia por ti, ó Deus”*. Esse anseio, agora, leva-nos a contemplar, no Salmo 72, o advento do Messias e seu reino. Aquele que é esperado finalmente reina. Diretamente envolvidos na espera e, portanto, agora, na festa para sua entronização, são os pobres, os expropriados, os excluídos, dos quais o Messias assume um cuidado particular e dará paz a todo o povo. Nós, que rezamos o Salmo 72, envolvidos para colaborar com Ele, a fim de que possa haver pão para todas as pessoas e a

comprometer-nos para libertar os oprimidos pela violência dos exploradores, somos convidados a crescer na consciência de que somos filhos e filhas de Deus, irmãos e irmãs entre nós, uma só família, no mundo.



## V - DA CRISE À LUZ DE UMA FÉ MADURA.

### SALMOS 73 A 89

*Aurelio Antista*

A tradição judaica dividiu os cento e cinquenta Salmos, que compõem o Saltério, em cinco livretos, para fazer o paralelo com a *Torah*: cinco são os livros da *Torah*, o ensinamento do Senhor; cinco os livros de oração, com os quais o povo responde ao dom da *Torah*. Em nosso primeiro encontro, padre Gregório sugeria para que lêssemos, em sequência, uma depois da outra, essas orações em forma de poesia. Oferecia-nos uma sugestiva chave de leitura, segundo a qual, os cinco livrinhos do Saltério constituem a oferta de um percurso humano, que parte do nascimento, atravessa a juventude com seus ideais, conhece os momentos de cansaço e crise, e chega à maturidade humana e espiritual plena.

## 1. *“Eu serei vosso Deus e vós sereis o meu povo”*

A primeira ênfase que gostaria de fazer diz respeito à modalidade e qualidade da relação entre Deus e a comunidade dos crentes ou a pessoa singular que reza, assim como o encontramos nos Salmos. É uma relação animada por um grande *pathos*, presente tanto naqueles que rezam os Salmos quanto em Deus; uma relação viva, palpitante, apaixonada. Eu diria uma relação tu a tu, em pé de igualdade, tendo presente a consciência da distância intransponível que existe entre nós e Deus: Ele é o Senhor e nós as criaturas; Ele é o Santo e nós simplesmente mulheres e homens frágeis e pecaminosos. Essa distância, no entanto, de alguma forma o Senhor mesmo a quis preencher no momento em que fez a Aliança com o povo de Israel, dizendo: *“Eu serei vosso Deus e vós sereis o meu povo!”* (Lv 26,12).

Em virtude dessa Aliança, a oração do povo e de cada fiel é o diálogo filial, animado e sustentado pela fé/confiança n’Ele. Essa confiança torna a oração ardente e vibrante, na qual a pessoa que reza, nas

diversas situações da vida e da história, ousa perguntar “*por que Senhor?*”, “*Até quando, Senhor?*”, “*Levanta-te, Senhor, estende a mão!*” (cf. Sl 10). E o Senhor, às vezes, silencia; às vezes, responde às exigências do povo; às vezes, o repreende pela não escuta de sua Palavra e a dureza de coração na acolhida de sua vontade. E assim, nessa relação franca e sincera, a oração dos Salmos é louvor e ação de graças ao Senhor por cada dom; é lamentação e súplica para as injustiças e sofrimentos da vida; é um pedido de perdão pelos pecados e infidelidades.

Nossa reflexão desta noite terá dois momentos: no primeiro, daremos uma visão geral dos Salmos do Terceiro Livreto, para enfatizar a nota dominante, que é o lamento que o povo dirige ao Senhor pela difícil situação que está vivenciando; no segundo momento, faremos uma leitura aprofundada do Salmo 73. Os Salmos que compõem o Terceiro Livrinho são 17 e vão do Salmo 73 ao Salmo 89. O pano de fundo histórico em que esses Salmos estão localizados é o quinto século antes de Cristo, um tempo dramático para Israel:

a invasão do exército babilônico e a destruição de Jerusalém (587 a.C.), à qual segue o exílio e, finalmente, o retorno à pátria, por iniciativa de Ciro, Rei da Pérsia (538 a.C.), e o imenso esforço para a reconstrução da Cidade Santa.

O Salmo 72, que fecha o Segundo Livro, contém as promessas que Deus faz à Casa de Davi e que Ele cumprirá no tempo do Rei-Messias, descendente de Davi: *“Em seus dias florescerá a justiça e abundará a paz até que a lua seja extinta”* (Sl 72,7), canta o salmista; e acrescenta: *“Que tenha piedade do pobre e desvalido, e salve a vida dos pobres. Que os resgate da crueldade e da violência e tenha seu sangue em apreço. Que viva! [...] Rezem por ele continuamente e o bendigam o dia todo. [...] Que todos os povos o felicitem e o invoquem como bênção”* (Sl 72,13-15.17). Essa perspectiva ideal do Rei Messias, projetada em um futuro não especificado, imediatamente entra em conflito com a realidade atual: a ruína do Reino de Judá. Na verdade, com a captura de Jerusalém, o Rei é feito prisioneiro pelos babilônios e deportado para uma

terra estrangeira. A pessoa orante do Salmo 89 lamenta-se ao Senhor: *“Mas tu, encolerizado com teu Ungido, o rejeitaste e desprezaste; rompestes a aliança com teu servo e profanaste ao chão seu diadema”* (Sl 89,39-40). Um lamento e uma forte acusação. Daqui a desorientação e a inevitável crise de todo o povo, que pede ao Senhor para que preste contas pelo que aconteceu.

No Salmo 77 encontramos uma pessoa orante que, numa noite sem dormir, em oração, provavelmente, enquanto está no exílio da Babilônia, manifesta ao Senhor suas dúvidas, suas angústias, suas perguntas, que, também, compartilha com toda a comunidade: Deus, ainda nos ama? Pergunta-se, também: por que não age mais em nosso favor? *“Será que o Senhor nos rejeita para sempre e não voltará a favorecer-nos?”* (Sl 77,8). E, num momento de exasperação, a pessoa orante diz a si mesma, e o gritará também diante de Deus: *“Eu digo a mim mesma: Pobre de mim! A direita do Altíssimo mudou!”* (Sl 77,11). Eis a crise, a dúvida, a desilusão, a queda da pessoa que

crê. Mas logo depois fará memória da salvação tantas vezes operada por Deus na história de Israel: “*Recordo as proezas do Senhor; sim, recordo teus antigos portentos*” (Sl 77,12). “*Com teu braço resgataste teu povo, os filhos de Jacó e de José*” (Sl 77,16). Então, ela recupera coragem e a dúvida se transforma em esperança, enquanto diz ao Senhor: como num dia distante “*guiavas teu povo como um rebanho pela mão de Moisés e Aarão*” (Sl 77,21). Assim, hoje, Ele também nos guia e nos salva! Outra maneira pela qual o povo de Israel enfrenta e supera as crises é pensando nas promessas de Deus ao Messias. Ele será um rei de paz e de justiça. Nele, todos, teremos salvação.

## ***2. “Por pouco não tropeçavam meus pés, porque invejava os prepotentes”***

O povo, portanto, vive uma crise generalizada: crise política, crise social, crise religiosa. É necessário reconstruir Jerusalém, que fora reduzida a ruínas; é necessário reconstruir o Templo, que fora devastado pelas chamas; é necessário recompor o tecido humano

e social agravado pela longa deportação, na qual alguns se enriqueceram, enquanto muitos são os empobrecidos. Um aspecto particular desta crise social é a sorte e a arrogância dos prepotentes e dos malvados, que a Bíblia chama de ímpios (nós os identificamos nos criminosos, milicianos, mafiosos, corruptores, os espertos...).

O Salmo 73, que abre nosso livreto, aborda precisamente esse problema tão antigo quanto a vida humana na Terra, atual e recorrente ainda hoje: a prosperidade e a fortuna descarada dos ímpios e os sofrimentos e perseguições dos justos e dos pobres. Vamos fixar a atenção precisamente nesse salmo porque, de alguma forma, ele lembra e sintetiza todos os outros.

Os Salmos do Terceiro Livro são principalmente súplicas coletivas, onde, na verdade, prevalece a dimensão comunitária da oração. No nosso Salmo, no entanto, como em outros, encontramos o eu de uma pessoa orante. Na realidade, porém, esse eu, possui, de fato, uma valência comunitária, onde a experiência da

pessoa orante é a proposta de um itinerário que pode ser percorrido por todos. Para o estudioso bíblico Ludwig Monti, o Salmo 73 é “*uma pérola preciosa*”. Gianfranco Ravasi o descreve como “*uma obra-prima de alta tensão espiritual*”. Outro biblista, Tiziano Lorenzin, define-o como “*uma das páginas mais altas do Antigo Testamento*”. O filósofo hebreu Martin Buber faz uma avaliação muito pessoal do nosso salmo: “*uma canção maravilhosa do coração, uma lírica que me atrai muito, tanto mais quanto mais envelheço!*”.

### **3. *Leiamos o Salmo 73***

A estrutura do Salmo é simples:

Sl 73,1: anúncio do tema: a bondade de Deus;

Sl 73,2-12: a sorte (fortuna) descarada dos ímpios;

Sl 73,13-20: o esforço daqueles que buscam ser justos e o entendimento de sua condição;

Sl 73,21-28: a novidade de uma experiência sem precedentes.



As primeiras palavras do Salmo são uma profissão de fé na bondade de Deus em relação a Israel e, em particular, para aqueles que têm um coração puro, isso é, aqueles que são transparentes na alma, livres da ambiguidade e da duplicidade. Somente eles podem experimentar a intimidade com Deus. O salmista emite esse ato de fé somente depois de ter passado pelo túnel da prova; no final de um caminho que o viu correr o risco de abandonar a via de Deus e todos os valores que o sustentaram desde a infância: “*Mas eu, por pouco meus pés tropeçaram, quase resvalaram minhas pisadas*” (Sl 73,2). Em oração ele pede a Deus para que responda por algo que o perturba profundamente, de fato o escandaliza, o sucesso descarado dos ímpios, que ele se apressa a descrever com acuidade e precisão: a vida deles flui sem problemas ou esforços, até a morte; o orgulho cinge-os como um colar; a violência é o hábito diário deles; seus olhos espelham a gordura do rosto bem alimentado. A prepotência deles também pode ser vista na maneira como falam. A palavra deles

chega ao céu e está cheia de malícia e arrogância. Eles ostentam tanta segurança que se sentem invencíveis.

Justamente por causa dessa segurança ostensiva, eles encontram seguidores no povo, a ponto de muitos abandonarem a comunidade dos fiéis e segui-los. O que é mais grave, aos olhos dessa pessoa orante, são as palavras blasfemas que ela ouviu, pronunciadas por alguns deles: “*Irá Deus saber disso? O Altíssimo irá perceber?*” (Sl 73,11). Como se dissesse: de nossas maldades, de nossos delitos, Deus não sabe nada... E mesmo se Ele as conhecesse, Ele não se importaria. Outros são seus pensamentos, ainda outros, seus interesses! Obviamente, essa ideia de Deus é exatamente o oposto de como a revelação bíblica a descreve. Na realidade, Deus está ausente do horizonte da vida dessas pessoas, não existe lugar para Ele em seus corações; enquanto que para elas vai tudo bem, elas gozam a vida e zombam de Deus; enquanto isso, Ele, o Senhor, silencia, não intervém, não faz justiça! E eis a conclusão desconsolada dessa pessoa orante:

*“Assim são os perversos e, sempre seguros, acumulam riquezas”* (Sl 73,12).

Então, com amargura, nosso salmista elenca as fadigas diárias, os sofrimentos e as perseguições que ele e tantas pessoas justas experimentam. Então ele se pergunta; mas, acima de tudo, pergunta a Deus: *“Então, para que purifico minha consciência e lavo minhas mãos como inocente? Para que suporte eu o dia todo e me corrijo a cada manhã?”* (Sl 73,13-14). Essas palavras amargas e os lamentos, por um lado, soam como uma denúncia; por outro lado, revelam uma tentação que o salmista está vivendo. A tentação é a de abandonar o caminho de Deus e renegar as trilhas da honestidade e da justiça, nas quais ele caminhou até hoje, para passar para o lado dos adversários e viver como eles, assumindo sua mentalidade mundana.

Uma coisa, no entanto, o impede de fazer essa escolha de campo: a Memória da Tradição dos Pais, na qual ele foi formado desde a infância. Da Tradição ele aprendeu aquilo que Deus fez por Israel na época do Êxodo: ele desceu ao Egito com Moisés para, com

braço forte e mão estendida, conduzir um povo de escravos, carregando-os sobre asas de águia, através do deserto, para a Terra Prometida (cf. Dt cc.7-8). A memória desse evento e de tantos outros exerce um efeito benéfico sobre esse homem em crise: constringe-o a esperar novamente, antes de abandonar o campo da fé e jogar tudo para o ar. Em seguida, ele admite diante de Deus em sua oração: “*Se eu dissesse: vou falar como eles, estaria negando a estirpe de teus filhos*” (Sl 73,15), e continua a viver como sempre fez, mesmo que... com um gosto amargo na boca! No entanto, ele se esforça para descentrar os olhos do que está ao seu redor, para buscar o profundo significado da realidade através da reflexão e do raciocínio. Bem depressa ele se dá conta de que compreender com sua razão a lógica de Deus e o sentido profundo das coisas é, para ele, uma tarefa impossível: “*Meditava eu para entendê-lo, mas parecia-me muito difícil*” (Sl 73,16). Ele reconhece que sua mente não pode conter o mistério de Deus, nem compreender seus caminhos.

Então, no falimento de sua reflexão, o salmista muda de registro: ele abre seu coração para que possa entrar em sintonia com o coração de Deus e se permite ser iluminado por Ele. E, na oração, exclama: “*Até quando entrei no mistério de Deus e compreendi o destino deles*” (Sl 73,17). O que aconteceu nele? Provavelmente a pessoa orante está nos dizendo que na peregrinação para dentro de si, no santuário de seu coração, o Senhor acendeu uma luz inesperada que lhe permite ver, com outros olhos e em outra perspectiva, a realidade que o cerca e o problema que a angustia. Compreende, antes de tudo, o destino dos ímpios e o que será a chegada de sua história humana: eles estão caminhando em lugares escorregadios, incapazes de parar diante de uma ruína completa (Sl 73,18). Compreende que tais pessoas, que aparentemente parecem autoconfiantes e invencíveis, são, na realidade, aferradas pelo medo da morte (Sl 73,19). O poder delas, a fama, a estima que buscam nas pessoas, são coisas inconsistentes, como as imagens de um sonho que, ao despertar, desaparecem (Sl 73,20).

Ao mesmo tempo, o salmista reconhece que seu comportamento era o de um tolo, ou melhor, o de uma besta: *“Como um sonho ao despertar, Senhor, como imagens que são desprezadas ao levantar. Quando meu coração se azedava e os rins me espicaçavam, eu era um néscio e ignorante, era um animal diante de ti”* (Sl 73,20-22). Martin Buber vê, nesse salmo, concretizar-se a primazia do coração sobre a mente. Um coração puro, cristalino e livre de prejuízos, lê a realidade a partir de dentro e colhe o significado global e autêntico que ela tem aos olhos de Deus. Jesus proclamará a bem-aventurança: *“Felizes os puros de coração, porque verão a Deus”* (Mt 5,8), não somente porque contemplam seu rosto, mas também porque eles recebem o dom de olhar a vida e a realidade com os olhos de Deus, à sua maneira, segundo sua perspectiva!

#### ***4. Chegada final: a alegria***

Penso que, também para o nosso salmista, as palavras da *Torah* são iluminadoras, como serão para Jesus: *“O homem não vive somente de pão, mas de tudo*

*o que sai da boca de Deus*” (cf. Dt 8,3), ou seja, daquela Palavra que dá um sentido de plenitude à vida. Como se dissesse: antes mesmo de ir em busca de pão é necessário, para ti, individuar um fundamento sólido, que dê suporte à tua existência.

A pessoa que reza, no Salmo 73, encontra esse fundamento sólido quando exclama em sua oração: *“Deus é a rocha do meu coração, minha porção perpétua”* (Sl 73,26). Ela descobre e escolhe o Senhor como base estável e fundamento único de sua vida; a única herança que está em seu coração. Essa nova consciência a inunda de alegria, uma alegria incontenível. A realidade, com seus problemas e contradições, que a circunda não mudou, permanece a mesma de antes; mas, agora, é ela, a pessoa orante, que mudou e olha para as pessoas e as coisas com outros olhos e em outra perspectiva. A novidade e o motivo da alegria estão contidos nesta expressão simplicíssima, *“contigo”*: *“Mas, eu estarei sempre contigo”* (Sl 73,23); *“Contigo, o que me importa a terra”* (Sl 73,25). São palavras que soam como uma declaração explosiva

de amor a Deus, que o encontra de uma maneira tão nova, pela primeira vez, e que sente-se totalmente amada por Ele.

Nosso salmista partira com a intenção de encontrar a solução para o escândalo do sucesso dos ímpios; solução que, sozinho, ele não encontra, embora ele tenha se comprometido com uma reflexão profunda. Mas, peregrinando em sua interioridade, ele encontra o Deus vivo, que o leva a olhar para a história e os acontecimentos da vida com seus olhos iluminados por sua luz. Ele se alegra, porque Deus o levou pela mão direita (cf. Sl 73,23). Agora, guiado por Deus, ele caminha em segurança. Não é mais atormentado, nem por escândalos nem por injustiças, embora ele continue a combatê-los; nem mesmo é aterrorizado com a perspectiva da morte, como acontece com os ímpios, porque ele tem certeza de que Deus nunca o abandonará. Ele repete com convicção: “*Para mim a felicidade é estar junto de Deus*” (Sl 73,28). Para o salmista, é o *unicum* que realmente conta. Os escândalos, as injustiças e os sofrimentos da vida



permanecem. Aqueles que buscam viver no caminho da justiça continuarão a enfrentar, todos os dias, labutas e contradições de todos os tipos, na decisão de “*fazer do Senhor seu refúgio e narrar todas as suas ações*” (Sl 73,28), conclui o salmista. Portanto, enriquecido e fortalecido por uma experiência tão vital, ele propõe narrar aos outros, com sua vida mais do que com palavras, a beleza de um encontro que o faz feliz: *Misericordias Domini in aeternum cantabo!*

### ***5. Para concluir***

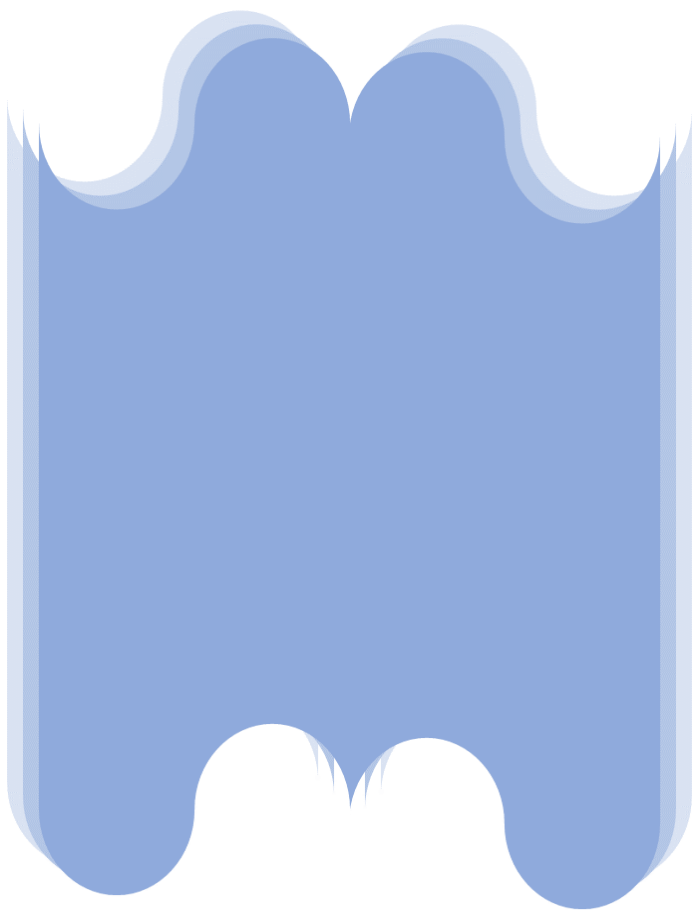
No início do Terceiro Livro do Saltério, uma pessoa de Israel, que crê, nos conta sobre o caminho interior que fez para superar sua crise de fé diante do sucesso e da arrogância dos ímpios. Ela expõe sua experiência a toda a comunidade de Israel, às voltas com uma montanha de problemas, ao retornar da escravidão na Babilônia: a reconstrução de Jerusalém, a ausência de um rei no palácio arruinado, as ruínas do Templo a serem reconstruídas e, ainda mais, a unidade social e espiritual do povo a ser fortalecida. O salmista

diz à comunidade de seu tempo, e hoje a nós: se vos empenhais num caminho sapiencial, no santuário do vosso coração, podereis encontrar o Senhor da vida que revigora as forças, restaura a esperança e, com sua luz, ajuda a caminhar nas sendas impermeáveis da história.

Para o Israel daquela época, os caminhos impermeáveis eram as ruínas materiais e sociais de Jerusalém. Para nós, hoje, os caminhos impérvios são a instabilidade da saúde, da economia e do meio ambiente, agravados pela pandemia do Covid-19, ainda a ser totalmente erradicada.

No contexto de todo o Saltério, nosso salmista convida todas as pessoas que creem a direcionar os corações para um lugar de refúgio seguro: o Deus da Aliança. Este convite será recolhido pelos salmistas do Quarto e do Quinto Livros do Saltério, onde iniciará a ressoar sempre mais forte o louvor ao Deus fiel, Senhor da história e do universo, até chegar ao grito fortíssimo do último versículo do Salmo 150: *“Todo ser que respira louve o Senhor. Aleluia!”* Nós também

queremos nos unir a este refrão: *Todo ser vivente louve  
o Senhor!*



## VI - PARA SAIR DA CRISE.

### *SALMOS 90 A 106*

*Alberto Neglia*

Esta noite vamos nos deter para refletir sobre o quarto livreto dos Salmos, que inclui aqueles que vão do Salmo 90 ao Salmo 106. É bom lembrar que os Salmos nos propõem um itinerário espiritual, que é longo e exigente, e envolve a pessoa em todas as manifestações de sua vida. Esse caminho, no qual estamos envolvidos pelo Espírito do Ressuscitado, leva uma vida inteira e conduz ao fortalecimento do homem interior (cf. Ef 3,16), faz de nosso corpo o templo do Espírito (cf. 1Cor 6,19) e nos torna presentes, de forma madura e responsável, no mundo e na história. Repito, é um caminho exigente que requer a coragem, antes de tudo, de lutar contra o próprio “eu”, para livrar-se dos modismos; mas, também, para ir ao encontro da

impopularidade e saber reconciliar-se com momentos difíceis e sombrios, em certa solidão e com seus próprios limites. Precisamente, por essa razão, é necessário nutrir e sustentar o caminho espiritual, sobretudo, pela Palavra de Deus, pela oração e pelo silêncio.

### *1. Para sair da crise: ensine-nos a contar nossos dias*

O quarto livreto dos Salmos quer acompanhar-nos para sair da crise, evidenciada no terceiro livrinho. Lembra-nos que três fatores fazem progredir nossa vida espiritual: a graça de Deus, nossa vontade e o tempo. Este quarto livreto começa com Salmo 90, proposto como: *Oração. De Moisés, homem de Deus.*

Esse Salmo é uma reflexão sapiencial sobre o tempo da vida humana, para dizer-nos que ela é breve, dura setenta ou no máximo oitenta anos: “*Ainda que vivamos setenta anos, e os mais robustos até oitenta, seu afã é fadiga inútil, pois passam depressa, e nós voamos*” (Sl 90,10). A sabedoria tem algo a ver com a idade, com o passar dos anos e com a capacidade de

assumir o envelhecimento: *“Ensina-nos a bem contar nossos dias para adquirirmos um coração sensato”* (Sl 90,12). Juízo, sabedoria, é também a capacidade de aceitar que o “tempo” nem sempre é igual a si mesmo, que existem tempos diferentes, nem todos igualmente felizes.

Por isso, a primeira indicação que nos é oferecida para sairmos da crise é muito terra a terra: requer tempo. A atitude sapiencial exigida da pessoa é, portanto, sobretudo a da aceitação radical da temporalidade e, na consciência do próprio limite, aquela de deixar-se moldar diariamente pelo abraço de Deus: *“Sacia-nos de tua misericórdia pela manhã, e todos os nossos dias serão alegria e júbilo”* (Sl 90,14).

Uma segunda e mais profunda indicação nos é dada pelo Salmo 91. O salmo se abre com uma introdução, nos dois primeiros versículos, depois está o discurso do mestre (Moisés), do versículo 3 ao versículo 13, e na sequência, nos versículos 14 a 16, encontramos o oráculo do Senhor. É a voz do próprio Deus que intervém. A pessoa orante está,

principalmente, em silêncio. Também esta é uma maneira de sermos orantes: silenciar e escutar.

O Salmo é uma bênção para aquele que busca refúgio no segredo do Altíssimo, uma palavra extraordinária de assistência e de consolação. Isso não quer dizer que a pessoa que crê não seja atingida por nenhuma desgraça. A vida humana é, constantemente, exposta a perigos de todos os tipos. O específico do Salmo 91 reside, precisamente, em ser a canção contra os encontros malignos e as pragas diabólicas. Mas, o Salmo recorda: no perigo e na desgraça não estás só; o Senhor, em sua misericórdia, te acompanha. A presença d'Ele é expressa com uma série de verbos, que evidenciam a presença paterna e materna de Deus: colocar a salvo, dar segurança, responder, libertar, glorificar, saciar com longos dias, fazer ver a salvação. Em síntese, uma plenitude de vida, que encontra sua figura sumária na expressão esplêndida, sem verbo, colocada no centro desta lista: “*Com Ele eu na angústia (no infortúnio)*”. Sim, Deus é Emmanuel, Deus conosco (cf. Is 7,17; Mt 1,23). É o nome mais quotidiano de



Deus que nos foi revelado pelas Escrituras: sempre, cada dia, a cada hora, sobretudo na hora da angústia, Ele está conosco (cf. Sl 4,2; 20,2; 50,15).

O Senhor está sempre com a criatura humana, mesmo na desventura. É por isso que a pessoa não será poupada das dificuldades, da angústia, mas será libertada e, de fato, glorificada. “*Immo anokhi be-zarah (com ele eu [estou] na desventura)*”<sup>3</sup>. Significa que o Senhor nunca nos abandona, nem mesmo na angústia; na verdade, Ele próprio assume nossa angústia. A crise escavou a pessoa, provavelmente até a feriu, mas lhe deu maior profundidade de olhar para o mistério da compaixão de Deus.

Nos Evangelhos, o que é proclamado no Salmo, torna-se evidente: Deus assume nossa carne; com Jesus Ele entra em nossa fraqueza e caminha conosco. No Jordão Jesus inicia sua missão pública e o faz de uma forma muito humilde: colocando-se na fila com os pecadores, Ele que não tinha pecado. E é precisamente

---

<sup>3</sup> “Infortúnio”, “desventura” é um termo que serve para indicar todas as tribulações reais ou possíveis, os gargalos, as angústias, as dificuldades.

aqui que o Pai o credencia: “*Este é o meu Filho querido, o meu predileto*” (Mt 3,17). Dos Evangelhos, pois, brilha, em filigrana, a imagem de Jesus, o homem da estrada (cf. Mc 10), que vai ao encontro de cada pessoa, com um olhar rico de misericórdia, de compaixão.

## ***2. Salmo 103: misericordioso e piedoso é o Senhor***

Levando em conta essas premissas presentes nesses Salmos, e a experiência de quem que reza e acolhe o Senhor, desejo fazer algumas considerações a partir do Salmo 103, um esplêndido hino ao amor misericordioso de Deus, permeado pela mais alta e intensa espiritualidade. O Salmo abre-se e fecha-se com uma esplêndida bênção, considerada uma pérola do Saltério: “*Bendize, minha alma, ao Senhor, e todo o meu interior bendiga seu santo nome. Bendize, minha alma, ao Senhor, e não esqueças de seus benefícios*” (Sl 103,1-2). Enquanto que a primeira bênção é pessoal, na segunda o Salmo fecha-se com uma bênção coral-cósmica: “*Bendizei ao Senhor, anjos seus, poderosos e*

*executores de suas ordens, prontos para cumprir sua palavra. Bendizei ao Senhor, exércitos seus, servidores que cumpris sua vontade. Bendizei ao Senhor, todas as suas obras, em todo lugar de seu império. Bendize minha alma, ao Senhor!”* (Sl 103,20-22).

A pessoa que aqui reza está louvando e agradecendo ao Senhor. Esse louvor é chamado de bênção. Habitualmente a bênção é pedida a Deus; e, através de sua bênção, a pessoa obtém a força de Deus, que lhe assegura felicidade, bem-estar. A história dos patriarcas, na Bíblia, é fruto da bênção de Deus. Aqui é a pessoa orante que diz: “*Bendize, ó minha alma, ao Senhor*”, expressando o desejo de proclamar a generosidade ilimitada de Deus, que é derramada sobre a humanidade, sobre a história e o universo, dando um novo respiro a todos. A oração abre-se numa atmosfera de otimismo, reconhecimento e felicidade. O “*Deus é amor*”, da Primeira Carta de João (Jo 4,8), parece quase antecipado nessa bênção. No Salmo, ao interno dessas duas bênções, está presente, e harmoniosamente se funde o canto alegre de ação de graças, porque Deus é

misericordioso; a reflexão e a meditação sapiencial sobre a fragilidade humana; e a transitoriedade, sempre cercada pela misericórdia de Deus. O Salmo, na verdade, pode ser dividido em duas partes. Na primeira (Sl 103,3-10), exalta-se o amor e o perdão de Deus. Na segunda parte (Sl 103,11-19), evidencia-se a relação entre o amor eterno de Deus e a fragilidade humana. O rosto do Senhor, aqui delineado, é o da ternura, da misericórdia e da piedade. É uma doce canção de amor e perdão.

## **2.1. Primeira parte: o amor e o perdão de Deus**

O rosto do Senhor, aqui delineado, é o da ternura, da misericórdia e da piedade. É uma doce canção de amor e perdão. Inicia envolvendo a alma, não somente os lábios, para bendizer o Senhor. *“Bendize, minha alma, ao Senhor, e todo o meu interior bendiga seu santo nome. Bendize, minha alma, ao Senhor, e não esqueças de seus benefícios”* (Sl 103,1-2). *“Minha alma”* quer dizer: o desejo de vida que temos em nosso coração. *“Todo meu interior”*, significa os

pensamentos, os sentimentos, as emoções, os desejos, as decisões... tudo o que temos dentro de nós, nosso mundo interior, deve “*bendizer o Senhor*” e “*seu santo nome*”. O nome é, de alguma forma, “*o rosto de Deus*” que aprendemos a experimentar (cf. Sl 27). Como o rosto de um amigo que conhecemos.

“*Bendize, minha alma, ao Senhor, e não esqueças de seus benefícios*” (Sl 103,2). Os benefícios são descritos nos versículos 3 a 5, do Salmo 103. É um convite para lembrar tudo o que Deus fez e faz por nós (os verbos que se seguem estão no particípio presente). O não esquecer, narrar o que Deus fez por nós, é um dos mandamentos fundamentais da experiência de Israel: “*não te esqueças*” (Dt 9,7), “*cuidado para não esquecer*” (Dt 6,12), “*o Senhor faz maravilhas*” (Sl 136,4), “*o Senhor trabalhou a salvação*” (Sl 74,12)...; recorda aquilo que tu conhecestes e experimentaste e escreve-o, imprime-o e grava-o dentro do teu coração: “*não te esqueças de todos os seus benefícios*”. Quais são esses benefícios? Ei-los: “*Ele perdoa todas as tuas culpas, cura todas as tuas doenças*” (Sl 103,3).

A enumeração dos benefícios parte da graça fundamental, do dom mais desconcertante, o perdão dos pecados. O perdão de Deus não é um simples cancelamento, mas um novo refazimento de nossa existência; na verdade, se acolhermos o perdão encontrar-nos-emos curados. Santo Agostinho diz: *“Deus cura todas as tuas enfermidades. Então, não tenhas medo: todas as tuas enfermidades serão curadas. E se dizes que elas são grandes, saiba que maior é o médico que as trata. Para um médico de poder infinito não existe mal incurável. Tu debes somente permitir que ele te cure e tu não debes rejeitar suas mãos, pois ele sabe bem o que deve ser feito. E não só debes estar satisfeito quando acalma as feridas, mas também debes saber como suportá-las quando as sofres: suporta a dor do remédio, pensando em cura futura. (...) Os homens aceitam ser imobilizados e operados, prontos para sofrer, tendo em vista a cura incerta, uma certa dor e, a pagar, uma grande compensação. Deus, por outro lado, que te criou, te cuida de forma segura e livre. Coloca-te novamente em*

*suas mãos, ó alma que o bendiz e não esqueças de suas retribuições: Ele, verdadeiramente, cura todas as tuas enfermidades”.*

“*Ele resgata tua vida da cova, e te coroa com sua bondade e compaixão*” (Sl 103,4). Este “*resgata*” é a tradução do verbo que indica o Redentor (*goel*), o parente próximo que resgata e liberta da escravidão e, no nosso caso, liberta da morte. “*Da cova*” é uma imagem para indicar a condição de morte da pessoa. Logo, “*Deus resgata da morte*”, é capaz não só de combater e de curar as enfermidades, mas também de superar os limites, para nós invencíveis, da morte. “*Te coroa com sua bondade e compaixão*”, são os benefícios que te tornam belo, nobre e digno. As libertações negativas do pecado, da doença e da morte são agora substituídas pelas ações positivas de Deus, que circunda a criatura humana com sua ternura, fidelidade, *hesed*, e com seu afeto materno, (*rahamim*).

“*Ele te sacia de bens na adolescência, e tua juventude se renova como a de uma águia*” (Sl 103,5). A benevolência e o afeto de Deus se manifestam

concretamente numa saciedade de bens, de felicidade e de beleza; este é o sentido de *tob*, “bem” em hebraico. É a experiência da plenitude. Às vezes temos a impressão de que os dias de nossa vida fogem velozmente, parece-nos que eles passam sem deixar um sinal, que são vazios e inúteis, mas o Senhor preenche-os “*de bens*”. E “*renova*” nossa experiência de vida, enche-nos de nova força vital. O Salmo expressa-o com uma imagem mítica, a da águia que renova sua juventude, que muda suas penas e, ainda, torna-se leve e vitoriosa sobre o tempo e a velhice: “*e tua juventude se renova como a de uma águia*”.

A pessoa fiel sabe que o enfraquecimento progressivo de sua existência biológica pode ser experimentado de forma diferente na consciência da proximidade de Deus, que por si só é suficiente para dar a essa existência um valor incalculável. O novo nascimento, que Jesus anuncia a Nicodemos no diálogo noturno (cf. Jo 3), ou a nova criatura descrita por Paulo (cf. 2Cor 5,17; Gl 5,15), são preparados pela esperança presente nesse Salmo. O salmista, que reza, dá-se conta



de que uma nova juventude está florescendo para ele, menos tumultuada do que a primeira, mas também mais livre das paixões, das ilusões, iluminada pela consciência do limite e pela paz de Deus.

*“O Senhor faz justiça e defende os oprimidos. Ensinou seus caminhos a Moisés e suas façanhas aos israelitas”* (Sl 103,6-7). Esses versículos lembram o que o Senhor fez concretamente por seu povo na experiência do Êxodo. São um testemunho concreto da salvação e do amor de Deus por seu povo. O Senhor, por meio de Moisés, fez conhecer a libertação e salvação a seu povo.

*“O Senhor é compassivo e clemente, paciente e misericordioso”* (Sl 103,8). O versículo 8 retoma uma autodefinição de Deus. No capítulo 34 do Livro do Êxodo narra-se que o Senhor, passando diante de Moisés, lhe revela seu nome, sua identidade: *“O Senhor, o Senhor, o Deus compassivo e clemente, paciente, misericordioso e fiel”, lento à ira e rico de amor e de compaixão*” (Ex 34, 6); este é o nome de

Deus. Na oração recordamo-lo a nós e, ao mesmo tempo, colocamo-nos diante do Senhor com confiança.

*“Não está pleiteando sempre, nem guarda rancor perpétuo. Não nos trata como nossos pecados merecem, nem nos paga segundo nossas culpas”* (Sl 103,9-10). O salmista, aquele que reza, fazendo a experiência da misericórdia de Deus, descobre uma certa irracionalidade positiva na bondade de Deus. Ele, em sua bondade, não aplica sua justiça com frieza implacável; ele suspende sua raiva e perdoa a quem se reconhece culpado, sem exigir reparação fiscal ou um pagamento proporcional. Mas, pede somente o reconhecimento do próprio pecado e a conversão, o retorno a Ele e, uma vida animada pela sua bondade.

## **2.2. Segunda parte: Amor eterno de Deus e fragilidade humana**

O Salmo quer mostrar que Deus é aquele que está próximo de nós e o faz por meio dessas linhas, entre as mais altas do Antigo Testamento, destacando que sua misericórdia nasce do conhecimento que Ele tem de

nossa fragilidade radical. São usadas três comparações para descrever este amor paterno de Deus. As duas primeiras comparações são complementares e definem as duas dimensões do espaço; a vertical: “*Pois, como o céu se eleva sobre a terra, sua misericórdia (hesed) supera seus fiéis*” (Sl 103,11); e, a horizontal: “*Como o oriente está longe do ocaso, assim ele afasta de nós nossos delitos*” (Sl 103,12). Tudo isso para dizer que o amor de Deus abraça o infinito. A terceira imagem, no entanto, refere-se à profundidade psicológica do amor paterno: “*Como um pai se entenece por seus filhos, assim o Senhor se entenece por seus fiéis*” (Sl 103,13). Assim, a ideia da paternidade de Deus é clara.

O ponto de partida teológico dessa relação de paternidade de *JHWH* em relação a Israel é colocado ao interno do evento do êxodo, sinal fundamental da salvação. É por isso que, de modo lapidar, no livro do Êxodo, é proclamado: “*Assim diz IHWH: Israel é meu filho primogênito (benê bekorî)*” (Ex 4,22). E, logo depois, *JHWH* interpela o Faraó, dizendo: “*Eu te ordeno que deixes meu filho sair...*” (Ex 4,23).

Precisamente, porque Deus é Pai e Mãe, ele é Misericordioso. É assim que ele se revela a Moisés: “*O Senhor, o Senhor, o Deus compassivo e clemente, paciente, misericordioso e fiel, que conserva a misericórdia até a milésima geração...*” (Ex 34,6-7).

Aqui, no Salmo, a paternidade também é evidenciada para com a pessoa singular e não apenas para todo o Israel, a comunidade. Nesse horizonte, esse Salmo está muito próximo do Novo Testamento. O comentário ideal sobre o mesmo pode ser a parábola do pai misericordioso em relação ao seu filho, descrita em Lucas 15,11-32. Com duas comparações ele descreve a fragilidade da criatura humana, que pode ser redimida por Deus, usando a metáfora do barro plasmado pelo oleiro: “*Pois ele conhece nossa condição e se lembra que somos barro*” (Sl 103,14).

Porque plasmada da terra (cf. Gn 2,7), Deus sabe que a pessoa humana é frágil. A fragilidade de criatura torna-se um motivo para sustentar o perdão. Essa fragilidade também é destacada nos vv. 15 e 16, com a imagem da erva e da flor: “*O homem dura como a erva,*

*floresce como flor campestre*” (Sl 103,15). Uma flor maravilhosa floresce em um campo verdejante. O vento do deserto sopra sobre ela, com seu sopro incandescente, e a flor seca, reduzindo-a a um pouco de poeira inalcançável: “*roça-lhe o vento, e já não existe, seu lugar não volta a vê-la*” (Sl 103,16). Deus, no entanto, se curva sobre esta criatura fragilíssima, que é a pessoa humana, e a envolve com seu amor (*hesed*), que é para sempre. Apoiando-nos na fé em Deus, lembra-nos o salmista, saímos do limite e da transitoriedade e mergulhamos na própria vida de Deus.

A misericórdia de Deus ainda nos é narrada nos vv. 17 e 18; ela excede não apenas o espaço, mas também o tempo: “*Mas a misericórdia (hesed) do Senhor com seus fiéis dura desde sempre (olam) e para sempre; sua justiça passa de filhos a netos, para que guardem a aliança e recitem e cumpram seus mandamentos*” (Sl 103,17-18). Porque seu reino abraça o universo e nada pode escapar dele: “*O Senhor firmou no céu o seu trono, seu reinado governa o universo*” (Sl 103,19).

E, então, todas as vozes e todos os instrumentos são chamados a se unir num imenso coro de bênção: *“Bendizei ao Senhor, anjos seus, poderosos e executores de suas ordens, prontos para cumprir sua palavra. Bendizei ao Senhor, exércitos seus, servidores que cumpris sua vontade. Bendizei ao Senhor, todas as suas obras, em todo lugar de seu império. Bendize minha alma, ao Senhor”* (Sl 103,20-23). Aos coros angelicais são convidadas a se juntar todas as criaturas dispersas por todas as regiões do universo, domínio do Senhor. Neste coro não pode faltar minha alma. Como cantar a misericórdia do Senhor?

### ***3. A misericórdia é o fundamento do mundo***

Quando rezamos os Salmos, inserimo-nos no ritmo da história da salvação e, por mais que as coisas aconteçam, nós também cantamos a misericórdia de Deus. Misericórdia, graça, é a palavra chave do livro dos Salmos, especialmente desse Salmo 103. O Saltério pode, portanto, ser chamado de microcosmos da ternura de Deus. Por isso, para tentar traçar uma Teologia dos

Salmos, seria suficiente focar nesse conceito básico, pois é aquele que melhor expressa e resume a relação entre a pessoa humana e Deus no Saltério. Quem reza os Salmos e faz a experiência da fidelidade e da misericórdia do Senhor, está envolvido em contar e expressar, com sua própria vida, o que experimentou: o perdão e a misericórdia de Deus. Está envolvido na edificação de um novo mundo, um mundo de graça, um mundo que tem sua pedra fundamental na misericórdia, na graça, de acordo com o plano de Deus.

O texto que leva ao cumprimento pleno a intuição do Salmo certamente é Lucas 15, onde o tema do perdão do Pai está presente, assim como o apelo em fazer nossa a misericórdia do Pai, acolhendo o irmão e participando da alegria do paterna. Este tema também está presente em Lucas 6,27-38. Nesse discurso de Jesus, aberto pelas bem-aventuranças, Deus Pai é apresentado como exemplo, no qual os fiéis devem se inspirar. Abrindo-se à gratuidade e ao perdão, os crentes fazem resplandecer a graça (*charis*) de Deus em suas vidas. E, àqueles que se permitem ser envolvidos

nesta paixão de Deus, diz Jesus: “*Vossa recompensa será grande e sereis filhos do Altíssimo, que é generoso com ingratos e maus*” (Lc 6,35). Perdoar é como ressuscitar uma pessoa morta.

Esse amor é o espíã que nos diz se acolhemos ou não a misericórdia, a salvação de Deus. No perdão, o primeiro a ressuscitar é aquele que perdoa, porque se reencontra como filho do Altíssimo, com uma vida que se torna transparência do Pai. Na verdade, é dito: “*Sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso*” (Lc 6,36). Aqui, Lucas usa o adjetivo *oiktirmon*, que traduz o hebraico *rahamim*. Deus Pai-Mãe, que ama visceralmente a pessoa humana e entra em uma relação de necessidade biológica com ela, dando-lhe vida, casa, comida; envolve-a, para que se torne como Ele, e expresse de forma dinâmica essa misericórdia para com seus irmãos e irmãs, assumindo as características do rosto do Pai. Daí o convite: “*Não julgue..., não condene..., perdoe..., dê... e uma boa medida, calcada, sacudida e transbordante será derramada em seu colo!*” (cf. Lc 6,38).



## VII - RUMO À MATURIDADE DA EXISTÊNCIA.

### *SALMOS 107 A 150*

*Egidio Palumbo*

#### *1. Caminho pascal de amadurecimento, que se dá de forma “espiral”*

Entramos no Quinto Livro do Saltério (Salmos 107 a 150). Ele traça o caminho da maturidade humana e de fé da pessoa que crê, no qual as dificuldades e provas da vida, os conflitos e as astúcias dos inimigos, enquanto permanecem sempre presentes, são, no entanto, enfrentados com um espírito mais intenso de confiança e esperança em Deus. Isso porque a pessoa fiel está crescendo, ciente da presença de Deus que está ao lado do justo, não para abandoná-lo na hora da tentação, do desconforto e da opressão, mas para apoiá-lo, libertá-lo e salvá-lo. Essa consciência crescente, aqui, é percebida pelo fato de que a pessoa que reza,

com maior frequência canta para Deus Salmos de confiança, ação de graças, louvor e bênção. Ela está aprendendo a crescer como existência doxológica, ou seja, a louvar e agradecer a Deus com a vida, com seu modo de ser e agir neste mundo complexo e complicado.

Claro, aqui não faltam a súplica, a imprecação e a lamentação, por causa das dificuldades e ansiedades da vida, bem como a luta contra inimigos, internos e externos, que a pessoa que reza deve diariamente enfrentar. E, por outro lado, o sabemos, o caminho da maturação espiritual nunca é simples e linear; pelo contrário, é complexo e mais articulado e, às vezes, intrincado; podemos dizer que o caminho prossegue em espiral: avança-se subindo, volta-se para trás e recomeça-se a subir avançando novamente, e assim por diante.

Dito isso, não há dúvida de que aqui, com o aviamento do itinerário de crescimento da maturidade espiritual, reencontramos um novo início, um salto de qualidade no teor tipicamente pascal (“páscoa’

significa “passagem” e, também, “salto/dança”): um itinerário gradual de salvação de todas as formas de escravidão mortífera e desumanizadora e, ao mesmo tempo, um itinerário de esperança no Deus Libertador que, na história, abre novas e alternativas sendas de vida. Contemplaremos tudo isso mais de perto, entrando na estrutura redacional do Quinto Livro dos Salmos.

## *2. Os traços fundamentais do crescimento em direção à maturidade*

É um fato que o Quinto Livro do Saltério se estende do Salmo 107 ao Salmo 145<sup>4</sup> e que tem sua própria estrutura redacional, que dá uma certa unidade composicional ao todo, por meio de um fio de ouro temático, que atravessa, liga e une um salmo a outro. Procuremos, agora, entrar na articulação dessa estrutura, destacando alguns traços fundamentais que

---

<sup>4</sup> Os Salmos 146 a 150, em vez disso, são a conclusão de todo o Saltério.

marcam o caminho do amadurecimento da pessoa que crê.

## **2.1. Abertura: discernir o amor do Senhor e render-lhe graças**

O Quinto Livro abre-se com o Salmo 107, ou seja, com a ação de graças mais universal de todo o Saltério. No primeiro convite para o agradecimento do v. 1, “*Dai graças ao Senhor porque é bom, porque é eterna sua misericórdia*” (Sl 107,1) e nos outros quatro convites: “*Deem graças ao Senhor por sua misericórdia, pelas maravilhas que faz pelos homens*” (Sl 107,8.15.21.31), a pessoa orante está aprendendo a agradecer Deus pelo seu amor fiel, eterno, incondicionado, gratuito e criativo para com cada pessoa humana, para com toda a humanidade. Todos aqueles que vivem nos quatro pontos cardeais da terra, “*oriente e poente, norte e sul*” (Sl 107,3), que estão no exílio, que atravessam o deserto, que navegam no mar, que experimentam perigos e infortúnios, todos eles são,

em qualquer caso, guiados, redimidos, libertados e salvos pelo amor de Deus. Deus não esquece ninguém.

Este é o temático fio de ouro que atravessa os Salmos 108 a 145: o amor do Senhor é sempre operativo na história humana. A pessoa que reza, na verdade, está aprendendo a discernir, com sabedoria, como o amor do Senhor funciona de forma imprevisível em sua existência e na existência de cada pessoa, povo e comunidade, que habita na face da terra. Ela está aprendendo a olhar para a realidade, a lê-la e discerni-la na perspectiva operante do amor de Deus. Por isso, na conclusão do Salmo, diz para si mesma e para os outros – *“Guarde o inteligente esses fatos e medite na misericórdia do Senhor”* (Sl 107,43). Aqui temos um primeiro traço da maturidade (sabedoria) da pessoa que crê: discernir, no mundo e na história, a presença do amor divino, libertador e criativo, e por ele, agradecer ao Deus da Aliança.

Depois da abertura com o Salmo 107, temos a seguinte arquitetura compositiva, um pouco complexa.

## **2.2. Salmos 108 a 110. Saber vigiar sobre si mesmo e tornar-se oração**

Os Salmos 108 a 110 são salmos davídicos, principalmente de súplica, que evidenciam a condição da pessoa orante como estrangeira, de exilada, longe da pátria, para a qual espera um dia retornar. Não faltam as provas e os conflitos, sendo sempre necessário o combate espiritual, para desarmar-se diante dos inimigos, em primeiro lugar. A pessoa orante, todavia, em seu crescimento em direção à maturidade, permanece firme em Deus, vigilante sobre si mesma e sobre os acontecimentos da história, para não correr o risco de ser sobrecarregada por eles (cf. Sl 108,1).

Não somente isso. Nas situações mais conflituosas, na quais em troca do amor, recebe ódio e acusações, a pessoa orante, a fim de evitar responder ao mal com o mal, coloca-se em oração para que sua existência se torne oração (cf. Sl 109,4); ela se confia a Deus, coloca sua vida em suas mãos, porque compreendeu que o Senhor Deus, por amor, está ao seu lado na luta, e luta com ela (“*sente-se à minha direita*”),

assim como ele está ao lado de seu Messias, Rei e Sacerdote (cf. Sl 110).

### **2.3. Salmos 111 a 118. Aprender a lutar com o Senhor: a vitória pascal**

Esses são os Salmos de Aleluias da Páscoa<sup>5</sup>. A pessoa orante e feliz por temer o Senhor (cf. Sl 112,1), de ter, na relação com Ele, um respeito afetuoso, canta esses Salmos com alegria. Canta porque, aprendendo a lutar com o Senhor para enfrentar com Ele as provas da vida, aprendendo a discernir e a tomar distância de todas as formas de idolatria mortal (cf. Sl 115), experimenta, como Israel libertado do Egito (cf. Sl 114), a vitória pascal sobre o inimigo: “[O Senhor] levanta do pó o desvalido, ergue do lixo o pobre” (Sl 113,7); “O Senhor me corrigiu, me corrigiu, mas não me entregou à morte” (Sl 118:18). E por isso ela louva, agradece e convida todos os povos a louvar e agradecer pelo amor fiel do Senhor (Sl 117; 118).

---

<sup>5</sup> A coleção dos Salmos 113 a 118 é chamada de *Hallel Egipciano*.

## **2.4. Salmo 119. O Amor pela Palavra de Deus, “morada” de sua Presença**

O Salmo 119 é um salmo sapiencial, no qual a pessoa que reza canta seu amor pela *Torah* (a Lei) que Deus, no Sinai, gratuitamente deu ao seu povo, para sustentá-lo no caminho da vida. Assim como a Palavra de Deus é central para a vida dos que creem, porque é luz e orientação para a vida e não um simples elenco de preceitos, da mesma forma o Salmo 119, o mais longo de todo o Saltério, é colocado no centro da arquitetura composicional do Quinto Livro do Saltério.

Cada versículo do Salmo 119 expressa, à sua maneira, o amor pela *Torah*, que contém a Palavra de Deus; por essa razão é a fonte de sua Presença de Graça (cf. Sl 119,29) e Misericórdia (cf. Sl 119,77). Na verdade, a pessoa crente, que lê, escuta, medita, reza e vive a Palavra de Deus contida nas Sagradas Escrituras, entra em comunhão com Deus, em uma relação dialógica de amor com Ele (cf. Sl 119,103); uma relação que alarga seu coração (cf. Sl 119,32), um coração que lhe permite sentir e ver de uma forma



ampliada, um coração aberto para acolher e amar os irmãos e as irmãs, na fé e em humanidade. Mas, a pessoa que reza no Salmo 119 sabe que, em tudo isso, ela ainda tem muito a trabalhar em si mesma, porque muitas vezes se perde..., está vagando como uma ovelha perdida (cf. Sl 119,176). É por isso que, no final do Salmo, ela pede a Deus: “*busca teu servo*” (cf. Sl 119,176). Sim, Deus não somente doa a *Torah* e não somente a ensina; mas, Ele mesmo, vai buscar quem deve receber o dom da *Torah*, Palavra que é lâmpada para os passos e luz no caminho da vida (cf. Sl 119,105).

## **2.5. Salmos 120-134. Peregrinação geográfica e interior para Jerusalém, cidade da Paz**

Central para o Quinto Livro do Saltério, quase constituindo um “díptico” com o Salmo 119, também é esta pequena coleção de quinze Salmos. Eles têm a finalidade de acompanhar espiritualmente os passos da pessoa peregrina, em sua peregrinação anual<sup>6</sup> de subida

---

<sup>6</sup> Na Páscoa, Pentecostes e na Festa das Tendias.

a Jerusalém e, em particular, de subida ao Templo (cf. Is 2,3; Mi 4,2; 2Re 19,14; Jo 2,13; Lc 18,10).

Por isso, esses salmos são chamados de Salmos das subidas ou Salmos graduais e são, principalmente, Salmos de confiança e ação de graças. Ao rezá-los, eles dão à peregrinação a fisionomia de uma viagem interior e não apenas geográfica. Enquanto a pessoa peregrina caminha, seguindo as etapas que marcam sua peregrinação, ela, ao mesmo tempo, percorre um itinerário interior, num caminho de busca, verificação e renovação pessoal. Vamos acompanhar as etapas dessa peregrinação geográfica e interior.

### *2.5.1. A partida (cf. Salmos 120 a 121)*

O Salmo 120 enfatiza a condição de partida da pessoa peregrina: ela é uma exilada e estrangeira; vive uma situação existencial de estranhamento (cf. Sl 119,19; 1Pe 2,11; Fil 3,20; Hb 11,13) no território em que habita, em seu ambiente, em sua cidade. Por que? Porque, nas relações com os outros, ela se compromete todos os dias a ser uma pessoa transparente e amante

da paz (o texto diz “*eu paz*”: cf. Sl 120,7), precisa lidar com as línguas enganosas, com pessoas que detestam e zombam da paz, da fraternidade/sororidade. É, precisamente, esse desejo vivo e essa forte busca pela paz e fraternidade que impele a pessoa peregrina a fazer a peregrinação a Jerusalém. Por isso, ela decide partir (cf. Sl 121): eleva seus olhos a Deus, para invocar sua ajuda. Recebe, de um sacerdote, a bênção para aqueles que devem enfrentar uma viagem exigente e arriscada: no caminho, o Senhor será seu guardião, que observará e caminhará contigo (cf. Sl 121,3-8).

### *2.5.2. A chegada (cf. Salmos 122 a 125)*

A pessoa peregrina, custodiada pelo Senhor, finalmente chega às portas de Jerusalém (cf. Sl 122). Ela olha para cima e contempla-a de fora e, ao mesmo tempo, contempla-a em sua vocação-missão, recebida de Deus: ser e tornar-se a cidade da paz<sup>7</sup>, a cidade que une e não divide, que acolhe e não marginaliza, a cidade da fraternidade-sororidade e não do ódio e

---

<sup>7</sup> Jerusalém significa a cidade da Paz.

engano. Por isso, invoca e pede para invocar a paz para Jerusalém e, provavelmente, para sua cidade de origem e para cada cidade. Estando ainda sentada às portas de Jerusalém, a pessoa peregrina, rezando com o Salmo 123, levanta os olhos para Deus, porque já vê o Templo, o lugar de sua presença no meio de seu povo. Implora-lhe confiantemente para libertá-la do sofrimento pessoal e comunitário, e do desprezo dos arrogantes. Depois da súplica confiante, rezando com o Salmo 124, a pessoa peregrina faz memória e atualiza o passado, no qual o Senhor, fiel às suas promessas, libertou os peregrinos/as, como ela, de graves perigos. E, por isso, ela agradece e bendiz. E, novamente, orando com o Salmo 125, sempre com os olhos voltados para Deus, professa sua fé n'Ele, confia-se a Ele, de modo que, como toda pessoa justa, ela possa ser capaz de interiorizar sua bondade e não ser tentada a retribuir o mal com o mal.

### *2.5.3. A permanência (cf. Salmos 126 a 132)*

Quando a pessoa peregrina entra em Jerusalém, parece-lhe estar sonhando: ela se dá conta do fim de seu exílio, sente-se em casa, redescobre sua própria cidadania, o sentido da dimensão comunitária da vida: é como se já tivesse retornado para sua terra natal.

Por isso, com o Salmo 126, acompanhado pelo rito da oferta das primícias (cf. Sl 126,6), ela reza a canção dos exilados e prisioneiros, que finalmente retornam à sua terra natal; com os Salmos 127 e 128, ela canta a alegria da família, comunidade doméstica; com o Salmo 129, ela faz memória e avalia seu passado; com o Salmo 130, ela pede perdão de seus pecados, de seus fracassos; e, depois de receber o perdão de Deus, com o Salmo 131, ela expressa seu abandono confiante n'Ele; e, finalmente, com o Salmo 132, ela celebra a senhoria do Messias, que tem sua sede real e seu repouso na cidade de Jerusalém; uma senhoria que representa o fundamento teológico da eleição de Jerusalém como a cidade de paz e da fraternidade.

#### 2.5.4. *O retorno (cf. Salmos 133 a 134)*

Depois de ter celebrado os sacrifícios da comunhão, onde uma parte da vítima é comida pelo sacerdote e outra parte é comida pela pessoa peregrina, ela canta o Salmo 133. Esse Salmo exprime a alegria de ter encontrado, em Jerusalém, uma comunidade de irmãos e irmãs, que a acolheram, consolaram e apoiaram: “*Vede como é bom e agradável os irmãos conviverem unidos*” (Sl 133,1). É o canto da beleza da Fraternidade! Quando a fraternidade é acolhida e vivida como um dom de Deus, que desce como um óleo-crisma da unção do Espírito e como um orvalho que fecunda a terra, então a Fraternidade exerce sua vocação sacerdotal: torna-se um sinal de bênção para o mundo e de renovação para a vida do povo e do território. A Fraternidade, se vivida como dom de Deus, tem eficácia salvífica intrínseca: liberta da idolatria mortal do individualismo, liberta do amor próprio, liberta do narcisismo e da autorreferencialidade, tornando possível o encontro gratuito com o outro.

Jesus, antes de deixar seus discípulos e retornar ao Pai, dirá: *“Eu vos dou um novo mandamento: Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei: amai-vos assim uns aos outros. Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros”* (Jo 13,34-35). A pessoa peregrina, com o Salmo 134, antes de enfrentar a viagem de retorno, bendiz a comunidade dos irmãos/ãs que a acolheram e a refortaleceram; com eles ela fez a experiência do amor de Deus e a experiência teologal da beleza da Fraternidade. Por essa razão ela canta: *“E agora, bendizei ao Senhor, servos todos do Senhor, vós que passais a noite na casa do Senhor. Levantai as mãos para o santuário e bendizei ao Senhor”* (Sl 134,1-2). Essa é a saudação de bênção da pessoa peregrina para a comunidade de Jerusalém. Por sua vez, a comunidade de Jerusalém, que testemunha sua partida, responde à saudação abençoando-a: *“O Senhor te abençoe de Sião, ele fez o céu e a terra”* (Sl 134,3).

Dessa forma, estabelece-se um vínculo de comunhão fraternal entre quem parte e quem

permanece. Quem parte e retorna à complexa realidade cotidiana, leva consigo a bênção de Deus, isto é, o amor e a paz de Deus, como compromisso de vida e testemunho na cidade dos homens.

## **2.6. Salmos 135 a 137. A vitória pascal sobre os ídolos**

Depois dos cantos das subidas, eis em relação aos Salmos 111 a 118 os Salmos Pascais do Grande *Hallel* (cf. Salmos 135 a 136), celebrando a vitória pascal sobre as várias formas de idolatria, manifestas e sutis, que desumanizam a vida humana. É o canto da pessoa que crê, que está crescendo na consciência de que, também ela, deve sair do seu Egito, das suas escravidões, uma vez que o perigo de retornar ao exílio, longe de Deus, está sempre na próxima curva do caminho (cf. Sl 137), e deve entregar-se confiantemente ao amor de Deus, amor fiel e eterno, que liberta e salva.



## **2.7. Salmos 138 a 145. Ação de graças**

Na última seção do Quinto Livro do Saltério, em relação aos Salmos 108 a 110, a pessoa que crê agradece ao Senhor que completa sua obra (cf. Sl 138). Ela se torna cada vez mais consciente, não tanto de conhecer Deus como Deus, mas de ser conhecida por Deus (cf. Sl 139) e, por essa razão, implora para que a liberte dos opressores e malvados (cf. Sl 140 a 143), que a liberte da tentação, sempre presente, de seguir e imitar os malfeitores (cf. Sl 141,4). Exprime toda a sua confiança em Deus, para que Ele mesmo a ensine a arte desarmada da luta contra os inimigos que ainda habitam dentro de si mesma (cf. Sl 144). Tendo chegado a esse ponto de sua jornada de crescimento rumo à maturidade, a pessoa crente não pode deixar de elevar uma solene ação de graças ao Senhor, porque Ele se manifestou grande em misericórdia e compaixão, em bondade e fidelidade (cf. Sl 145).

### ***3. Porta de saída do Saltério (Salmos 146 a 150)***

Como existe a Porta de Entrada ao Saltério, formada pelos Salmos 1 e 2, que indica obediência à Palavra de Deus para ser o caminho da felicidade e da filiação divina, da mesma forma existe a Porta de Saída do Saltério, formado pelos Salmos 146 a 150, também chamado de Pequeno *Hallel* quotidiano, que na liturgia hebraica é rezado todas as manhãs. É um convite para louvar a Deus com a própria vida, um convite para fazer do nosso modo de ser e agir uma doxologia existencial para Deus, no dom de si mesmo, ou, como diria a mística carmelita Elizabete da Trindade, para se tornar um Louvor da Glória do Deus Trindade. Existe, pois, um elo entre as duas Portas do Saltério: da obediência à Palavra ao louvor, como expressão de uma vida doada. Nesses Salmos de *Halleluia* escutamos ecoando, com diferentes variações, os temas de louvor presentes no Salmo 145: a bondade universal de Deus, que se manifesta em sua criação, na salvação dada ao seu povo, na renovação de Jerusalém, em seu amor pelos fracos e pelos pobres.

O Salmo 150, que conclui a coleção do Pequeno *Hallel*, apresenta-nos um grande coral, sustentado por uma grande orquestra. A pessoa que reza convoca todas as criaturas do universo para louvar a Deus e, também, envolve os instrumentos musicais (ninguém excluído...), já que muitas vezes as palavras sozinhas não são suficientes para louvar a Deus, sendo necessária, também, a contribuição da música. Eis, então, uma imensa orquestra, na qual o respiro consciente do ser humano reúne em si as vozes de todas as criaturas, próximas e distantes, e as apresenta a Deus para louvar sua Senhoria sobre o mundo e a história.

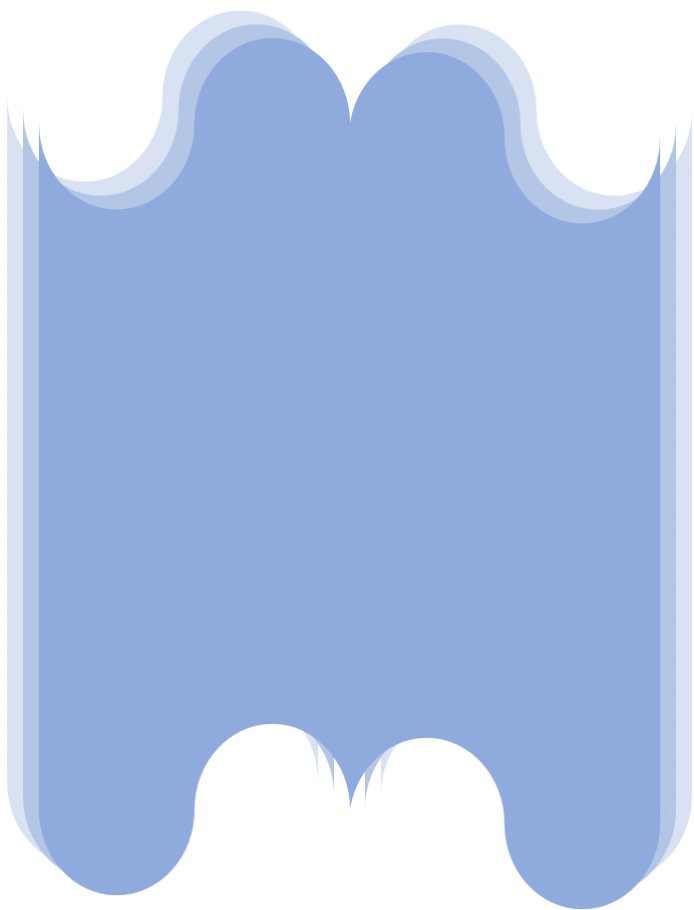
É um louvor que tem o senso de gratuidade, pois não tem outro propósito a não ser aquele de louvar a Deus em si mesmo e de viver a vida como um presente para os outros. É o louvor elevado pela pessoa vivente, feita oração, madura na fé e na humanidade.

*“Um Louvor de glória é uma alma que habita em Deus, que o ama com amor puro e desinteressado [...]. Um Louvor de glória é uma alma de silêncio que se mantém como lira sob o misterioso toque do Espírito*

*Santo, para que Ele possa trazer à tona harmonias divinas”<sup>8</sup>.*

---

<sup>8</sup> Elisabete da Trindade, *Il cielo nella fede*, em *Opere*, Paoline, Cinisello Balsamo 1993, pp. 595-596.



ISBN: 978-65-88060-24-7



9 786588 060247

**CL**

The image shows a rectangular label with a white background and a thin black border. At the top, the ISBN number '978-65-88060-24-7' is printed in a small, black, sans-serif font. Below the ISBN is a standard 1D barcode with vertical black bars of varying widths. Underneath the barcode, the numbers '9 786588 060247' are printed in a larger, bold, black font. To the left of the barcode, the letters 'CL' are printed vertically in a large, bold, black font.